

COMPLEXIDADE DAS ESTRUTURAS LINGÜÍSTICAS,
SIMPLICIDADE DOS MECANISMOS DA

Linguagem

Aula inaugural proferida no Collège de France

Luigi Rizzi
Collège de France

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA DE
Valdir do Nascimento Flores e Gabriel de Ávila Othero

TRADUÇÃO:
Gabriel de Ávila Othero
Larissa Freisleben
Valdir do Nascimento Flores

Editora da **ABRALIN**

COMPLEXIDADE DAS ESTRUTURAS LINGÜÍSTICAS,
SIMPLICIDADE DOS MECANISMOS DA
Linguagem

Aula inaugural proferida no Collège de France

DIRETORIA 2024-2026

Dr. Cleber Alves de Ataíde (UFPE)

Drª Evandra Grigoletto (UFPE)

Drª Thaís Ludmila da Silva Ranieri (UFRPE)

Dr. Emanuel Cordeiro da Silva (UFPE)

Dr. Ricardo Rios Barreto (UFPE)

Drª Isabela Barbosa do Rêgo Barros (UNICAP)

COMISSÃO EDITORIAL

EDITORES

Ana Paula Scher – USP

Olga Ferreira Coelho – USP

CONSELHO EDITORIAL

Adeilson P. Sedrins – UFRPE/UAG

Adelia Maria Evangelista Azevedo – UEMS

Ana Paula Scher – USP

Aniela Improta França – UFRJ

Atilio Butturri Junior – UFSC

Carlos Alberto Faraco – UFPR

Carlos Piovezani – UFSCar

Carmem Luci Costa e Silva – UFRGS

Cassiano R. Haag – MPSC

Cátia de Azevedo Fronza – Unisinos

Cláudia Regina Brescancini – PUCRS

Claudia Toldo Oudeste – UPF

Dermeval da Hora – UFPB

Eduardo Kenedy – UFF

Edwiges Maria Morato – Unicamp

Eliane Silveira – UFU

Elisa Battisti – UFRGS

Esmeralda Negrão – USP

Gabriel de Ávila Othero – UFRGS

Heloisa Monteiro Rosário – UFRGS

Heronides Moura – UFSC

Ingrid Finger – UFRGS

Jairo Nunes – USP

Janaína Weissheimer – UFRN

João Paulo Cyrino – UFBA

Juciane Cavalheiro – UEA

Leonel Figueiredo de Alencar – UFC

Luiz Carlos Schwindt – UFRGS

Luiz Francisco Dias – UFMG

Mailce Mota – UFSC

Marcelo Ferreira – USP

Marcos Lopes – USP

Marcus Lunguinho – UnB

Maria Eugenia Duarte – UFRJ

Mariangela Rios de Oliveira – UFF

Olga Ferreira Coelho – USP

Pablo Ribeiro – UFSM

Plínio Barbosa – Unicamp

Rafael Minussi – Unifesp

Renato Basso – UFSCAR

Ronice Muller de Quadros – UFSC

Ruth Lopes – Unicamp

Simone Guesser – UFRR

Simone Sarmento – UFRGS

Sirio Possenti – Unicamp

Sonia Cyrino – Unicamp

Tânia Maris de Azevedo – UCS

Ubiratã K. Alves – UFRGS

Valdir do Nascimento Flores – UFRGS

Vitor Nóbrega – UFSC

Viviane de Melo Resende – UnB

PARECERISTAS AD HOC DO EDITAL 2024-2025

Aquiles Tescari Neto – Unicamp

Beatriz Raposo de Medeiros – USP

Claudia Regina Castellanos Pfeiffer – Unicamp

Eduardo Ferreira dos Santos – UNILAB

Emilio Gozze Pagotto – Unicamp

Flaviane R. Fernandes Svartman – USP

José Borges Neto – UFPR

Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos – UFPI

Maria Mertzani – UNISC

Marília Uchoa Cavalcanti – UFRJ

Sandra Quarezemin – UFSC

Wellington Santos da Silva – USP

COMPLEXIDADE DAS ESTRUTURAS LINGÜÍSTICAS,
SIMPLICIDADE DOS MECANISMOS DA

Linguagem

Aula inaugural proferida no Collège de France

Luigi Rizzi

Collège de France

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA DE
Valdir do Nascimento Flores e Gabriel de Ávila Othero

TRADUÇÃO:
Gabriel de Ávila Othero
Larissa Freisleben
Valdir do Nascimento Flores

Editora da **ABRALIN**

Diagramação: TELMA CUSTÓDIO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rizzi, Luigi
Complexidade das estruturas linguísticas,
simplicidade dos mecanismos da linguagem [livro
eletrônico] : aula inaugural proferida no Collège de
France / Luigi Rizzi ; tradução Gabriel de Ávila
Othero, Larissa Freislebeb, Valdir do Nascimento
Flores ; prefácio à edição brasileira de Gabriel
de Ávila Othero e Valdir do Nascimento Flores. --
Campinas, SP : Editora da Abralín, 2025.
-- (Traduções ; 1)
PDF

Título original: Complexité des structures
linguistiques, simplicité des mécanismes du langage.
ISBN 978-85-68990-62-9

1. Linguística 2. Linguística - Análise
I. Othero, Gabriel de Ávila. II. Flores, Valdir do
Nascimento. III. Título IV. Série.

25-305791.0

CDD-410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística 410

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Direitos reservados à

ABRALIN

Associação Brasileira de Linguística

R. Sérgio Buarque de Holanda, 571

Cidade Universitária

13083-859 Campinas, SP

☎ [82] 99699-9900

🌐 abralin.org

✉ abralin@abralin.org

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Editora da Abralín.

ISBN: 978-85-68990-62-9

© da edição: ABRALIN, Campinas, 2025.

Este texto é a tradução da aula inaugural de Luigi Rizzi, proferida no Collège de France na quinta-feira, 05 de novembro de 2020, e publicada sob o título *Complexité des structures linguistiques, simplicité des mécanismes du langage* em 2021 pelas Éditions Fayard e pelo Collège de France. O texto completo está disponível em acesso aberto *freemium* no portal OpenEdition Books: <https://books.openedition.org/cdf/13411>.

Sumário

Palavras das editoras	7
Prefácio à edição brasileira Uma outra linguística geral.....	9
Prefácio..... <i>Thomas Römer</i>	17
Complexidade das estruturas linguísticas, simplicidade dos mecanismos da linguagem – Aula inaugural proferida no Collège de France na quinta-feira de 5 de novembro de 2020	20
Referências	49

Palavras das editoras

Houve um tempo em que as grandes religiões se apresentavam como a principal fonte de parâmetros éticos explícitos para a vida em sociedade. Jessé de Souza, no livro *A tolice da inteligência brasileira. Ou como o país se deixa manipular pela elite* (Editora Leya, 2015, p. 12), entretanto, chama a nossa atenção para o fato de que esse papel tem sido hoje disputado com as ciências, na medida em que elas oferecem um conjunto de ideias (construídas em espaço social de prestígio) capturadas por programas de partidos políticos, de planejamento do Estado, de planejamento e condução do ensino, de elaboração e aplicação das leis, por aquilo que a mídia publica. Pudemos testemunhar um tanto dessas disputas durante os períodos mais críticos da pandemia de SARS-COVID-19, em que cientistas, falsos cientistas e anticientistas ofereceram produtos e valores capturados pelo poder, levando, por um lado, a cenários caóticos inimagináveis e, por outro lado, a oportunidades de demonstração de tudo o que se ganha quanto o conhecimento (teórico, aplicado, tecnológico) é respeitado.

A ABRALIN tem sido incansável no esforço de fortalecimento e de difusão dos saberes produzidos pelas ciências da linguagem no Brasil. Uma parte desse esforço resultou na criação, em 2020, desta Editora, cuja função é apoiar e divulgar a pesquisa em Linguística – o nosso modo peculiar de enfrentamento da ignorância, da injustiça, do preconceito que se constroem com as línguas ou em torno delas.

Existe uma grande diversidade de áreas, temas, orientações, interesses, pessoas no nosso campo de estudo. A Editora da ABRALIN quer se firmar como um espaço para a expressão dessa diversidade, que aqui se alia a propósitos científicos, democráticos e humanitários. Sendo *open access*, gratuita e digital, ela quer contribuir para que a circulação de saberes linguísticos solidamente construídos seja garantida e alcance a todos e todas que por eles se interessarem (estudantes, docentes e quem mais quiser).

Cada obra passa pelo crivo de especialistas associados à ABRALIN, que gentilmente prestam esse serviço à comunidade, e pelas disposi-

ções de editais públicos, pensados para assegurar a ampla participação e a relevância dos textos selecionados.

Assim, é com muita satisfação, que publicamos esta obra, plenamente inserida nesse conjunto de diretrizes e compromissos da Editora da ABRALIN.

Ana Paula Scher e Olga Coelho.

Prefácio à edição brasileira

Uma outra linguística geral

Ainda hoje, os problemas fundamentais da Linguística Geral aguardam uma solução. (Ferdinand de Saussure, Curso de linguística geral).

A publicação da tradução brasileira da aula inaugural da cátedra de “Linguística Geral” do Collège de France, pronunciada por Luigi Rizzi, é uma excelente oportunidade para falarmos em “linguística geral” no Brasil. O tema tem dado sinais de vitalidade entre nós, ainda que timidamente. Atestam isso os trabalhos de Flores (2019), Flores; Othero (2023, 2024), além da recente organização do número especial da *Revista de Estudos da Linguagem-RELIN* (UFMG) (Gomes; Othero e Flores, 2024) e do livro *Investigações em linguística geral – textos escolhidos de Martin Haspelmath* (Ed. da Abralín, 2024). Depois de um tempo em que a expressão parecia esgotada de significado, não indicando mais do que o conteúdo daquelas disciplinas introdutórias de linguística, ministradas em nossas universidades, ou daqueles manuais de introdução à disciplina, vemos ressurgir o debate em torno da — com o perdão do oxímoro — *especificidade de geral* em “linguística geral”.

O termo, sabemos bem, é antigo, talvez um dos primeiros a surgir no campo dos estudos linguísticos, ao lado de outros, como “linguística comparada”, “linguística histórica”, “gramática geral” etc. Desde o início, seu uso remete a múltiplos (e mesmo antagônicos) entendimentos¹. Trata-se, portanto, na atualidade, de um reencontro com um velho conhecido de todos os que fizeram sua formação em linguística no século XX. Hoje em dia, porém, podemos delinear no mínimo três possibilidades de compreensão — em linhas gerais — para o termo:

¹ Para uma abordagem do aspecto histórico da linguística geral, cf. Benveniste (1988, p. 3-18); Normand (2000a; 2000b e 2000c); Martin (2003, p. 75-100); Flores (2023, p. 69-75); Flores (2019, p. 332-337); Flores; Othero (2024).

(i) ele designa, numa perspectiva historiográfica, o conjunto de reflexões, feitas entre o século XIX e pouco mais da metade do XX, que reivindicaram explicitamente o termo (em títulos de livros e trabalhos, por exemplo); (ii) ele designa, numa perspectiva didático-disciplinar, as disciplinas introdutórias de linguística de nossas universidades (e seus respectivos manuais) que lembramos acima; ou (iii) ele designa, numa perspectiva epistemológica, certas tendências atuais do pensamento linguístico que fazem uso explícito do termo, revestindo-o de outra (talvez nova?) configuração teórico-metodológica. É a essa terceira possibilidade de compreensão que está ligada a aula de Luigi Rizzi e também é sobre essa acepção que queremos, a seguir, fazer alguma observação própria.

Começemos falando um pouco sobre a aula de Rizzi. Luigi Rizzi é um sintaticista de formação, tendo contribuído para o avanço da linguística gerativa — de maneira especial com o desenvolvimento de um modelo de arquitetura gramatical conhecido como *cartografia sintática* (ou *sintaxe cartográfica*). Diz Rizzi:

[a] tradição intelectual na qual meu trabalho se insere tem raízes recentes na linguística formal das últimas seis décadas, principalmente na gramática gerativa, um programa de pesquisa que, por sua vez, está enraizado em uma tradição muito mais antiga. Essa tradição é marcada, ou até mesmo definida, por uma questão fundamental que foi chamada de questão da “criatividade” no uso normal da linguagem.

Sua aula versa justamente sobre a criatividade linguística tal como entendida pela tradição racionalista e, mais recentemente, pelo programa gerativista no estudo da linguagem. Sua exposição se debruça, de forma particular, sobre aspectos sintáticos universais das línguas, ou seja, sobre propriedades que fazem parte da *faculdade da linguagem* humana, um tema central na agenda de pesquisa da linguística contemporânea. O título de sua aula (“Complexidade das estruturas linguísticas, simplicidade dos mecanismos da linguagem”) antecipa o cerne de sua discussão: por trás dos dados aparentemente tão diversos que nos são apresentados pelas diferentes línguas humanas, existem princípios de organização básicos que são universais e, por isso, subjazem ao conhecimento gramatical das mais diferentes línguas. A busca por esses princípios é um dos objetivos da linguística contemporânea — e não apenas da linguística gerativa — mas da linguística que busca desvendar os mistérios que subjazem à organização gramatical das lín-

guas. É um *problema geral da linguística*, nos termos de Flores (2019); e um problema de *linguística geral* para Haspelmath (2021)².

A investigação linguística, para Rizzi, busca traçar aspectos universais da organização sintática das línguas e explicar o sistema computacional responsável por essa organização. Como ele nos informa em sua aula,

[o] conhecimento da língua implica o armazenamento de inventários finitos (fonemas, morfemas, palavras) e o domínio de um sistema de regras combinatórias responsável pela geração de expressões linguísticas complexas. É possível estudar com precisão esses sistemas usando certos formalismos elaborados (de maneira totalmente independente) nos estudos sobre os fundamentos lógicos da matemática, como sistemas de regras de reescrita, por exemplo (Chomsky, 1955 e 1957).

Desde então, a ênfase é deslocada dos inventários finitos para os sistemas dinâmicos que geram conjuntos potencialmente ilimitados de representações. Esse deslocamento de ênfase vai caracterizar as décadas subsequentes da pesquisa linguística até os dias atuais.

Rizzi ainda pergunta: “Mas o que permite a uma entidade finita, como um sistema de regras formais, um computador ou o nosso cérebro, dominar um conjunto infinito de estruturas — em outras palavras, fazer ‘um uso infinito de meios finitos’?”. A resposta que Rizzi apresenta em sua aula faz eco a muitos trabalhos contemporâneos: a *recursividade* linguística (ou seja, “a propriedade de uma regra, ou de um sistema de regras, de se reaplicar ao seu próprio resultado, criando assim um *looping* que pode ser percorrido indefinidamente”).

Essa propriedade recursiva da linguagem (revista e simplificada na operação chamada *Merge*, no contexto do programa minimalista chomskiano) permite a formação de estruturas complexas que seguem uma espécie de “esqueleto” formal estrutural (organizado em termos de linearidade e hierarquia) que subjazem às sentenças bem formadas das línguas. Tais estruturas são universais e estão atualmente sendo descritas, investigadas e “cartografadas” pelo programa da cartografia sintática, em uma investigação ampla de diferentes línguas. Nas palavras de Rizzi:

² Ver discussão em Flores (2019) e Haspelmath (2020, 2021). Para Haspelmath, a linguística geral é “o estudo da Linguagem Humana como uma capacidade dos humanos ou como um atributo geral da espécie humana” (2021, p. 2-3).

[a]s estruturas sintáticas são objetos complexos, não apenas pela variação observada, mas também pela riqueza da sua articulação interna. No último quarto de século, alguns linguistas, fascinados por essa forma de complexidade, seguiram projetos de pesquisa que tentaram cartografar as estruturas.

Sendo tais estruturas sintáticas universais, comuns a todas as línguas, temos aí, de acordo com Rizzi, um programa de linguística geral. É o que ele argumenta, por exemplo, quando cita Meillet (1906, p. 91):

[a] busca de leis gerais, tanto morfológicas quanto fonéticas, deve ser, de agora em diante, um dos principais objetos da linguística. Mas, por sua própria definição, essas leis ultrapassam os limites das famílias de línguas: elas se aplicam à humanidade inteira.

Rizzi aproxima, então, seu programa cartográfico a uma linguística dita *geral*, preocupada com questões gerais da linguagem e problemas gerais de linguística. O trabalho de Rizzi é bem mais complexo do que acabamos de apresentar e, como antecipamos aqui, traz nuances importantes à reflexão em torno da linguística geral. De nossa parte, gostaríamos ainda de reter de seu percurso um ponto importante que diz respeito à amplitude do debate linguístico. Diz ele:

[o]s pontos de vista que podem ser escolhidos [na investigação linguística] são [...] numerosos. Sendo ao mesmo tempo um objeto natural e social, a linguagem pode ser abordada tanto com métodos e modelos explicativos provenientes das ciências formais e naturais, quanto com os instrumentos oferecidos pelas ciências humanas e sociais³.

Essa perspectiva de Rizzi é de grande alcance (epistemológico, sem dúvida, mas também ético) e isso, ao menos, por um motivo: admitir que os pontos de vista podem ser numerosos exige necessariamente ter conhecimento da existência desses pontos de vista e do que implica levá-los em conta, sem hierarquizá-los. É isso que depreendemos do que diz o autor quando, ao falar das abordagens “naturalista” e “culturalista” no estudo da linguagem, afirma:

[e]ssas duas grandes perspectivas são por vezes percebidas como alternativas e como estando em competição uma com a outra, mas elas

³ Sobre esse assunto, vale também a leitura de Battisti; Othero; Flores (2022) e Milner (2021).

deveriam ser vistas, antes, como complementares: é a própria natureza da linguagem, sua complexidade, seu *status* híbrido que justificam uma pluralidade de perspectivas e métodos. Além disso, as duas grandes perspectivas não são totalmente isoláveis uma da outra: não se pode estudar os fundamentos biológicos da linguagem sem utilizar fatos empíricos provenientes das línguas historicamente dadas. De maneira recíproca, o estudo de qualquer aspecto sócio-histórico da linguagem não pode senão se beneficiar dos resultados vindos das bases naturais das capacidades linguísticas. A adoção de uma ou de outra perspectiva é, portanto, a escolha de um centro de gravidade em um sistema complexo, em vez de uma visão estanque em relação a outras contribuições.

Ora, não podemos deixar de ver ecoar, nessa formulação, a máxima saussuriana — tantas vezes lembrada, mas pouco compreendida em sua essência — segundo a qual, em linguística, “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (Saussure, 1975, p. 15). Saussure, ao fazer essa afirmação — que, segundo Normand (2011) tem o valor de um verdadeiro “princípio epistemológico” — consequentemente inaugura a ideia de que não há um ponto de vista superior a outro (Battisti; Othero; Flores, 2023, p. 85-89). Há tantos objetos quantos forem os pontos de vista assumidos pelo linguista, logo, Saussure, pelo mesmo gesto, criou a sua linguística, o seu ponto de vista, e também resguardou a possibilidade de que outras linguísticas pudessem ser criadas⁴.

De Saussure a Rizzi, o que está em questão, em nossa opinião, é o ressurgimento da reflexão epistemológica no campo da linguística. Depois de mais de meio século de especializações nesse campo, vemos importantes considerações aparecem — e não é de somenos importância que uma instituição como o *Collège de France* mantenha uma cátedra de “Linguística Geral” entre os seus programas de pesquisa e ensino. Em outras palavras, entendemos que a discussão em torno da “linguística geral” ressurgem em um contexto no qual necessariamente a reflexão epistemológica está posta — essa ideia dialoga com o que encontramos no *CLG*: “A tarefa da Linguística será (...) delimitar-se e definir-se a si própria” (p. 13).

⁴ A título de exemplo, consultar os dois volumes de *A linguística hoje*, recentemente publicados pela Contexto, em que diferentes linguísticas apresentam seus distintos objetos e objetivos (Othero; Flores, 2023, 2024).

Após a verticalização dos estudos linguísticos e sua consequente multiplicação em tendências, escolas, métodos, resultados empíricos etc.⁵, voltamos a revisitar a linguística como um todo a partir de um princípio de ordem, qual seja, a multiplicidade (acompanhada, às vezes, da fragmentação disciplinar) — embora precisa em termos de descrição — não é suficiente para dar conta da explicação de grandes problemas; poderíamos, nesse caso, falar, de acordo com Flores (2019), que há “problemas gerais de linguística” — relações língua(gem)/sociedade; língua(gem)/pensamento; diversidade das línguas; (im)possibilidades de tradução; origens da linguagem; etc. — que impõem um certo fazer ao linguista, independentemente da perspectiva teórico-metodológica assumida na especificidade de cada linguista. Há questões gerais de linguística, o que pode configurar uma outra forma de ver a linguística geral.

Ora, as grandes problemáticas em torno da linguagem humana — precocemente descartadas por uma linguística que apressadamente se configurou muito metodológica e pouco epistemológica — ressurgem com força, lembrando ao linguista que também cabe a ele fazer a filosofia de sua ciência (Normand, 2009). Tem razão, portanto, Benveniste (um nome lembrado enfaticamente por Rizzi em sua aula), quando, em sua aula de 2 de dezembro de 1968, também no prestigioso Collège de France, anuncia:

[v]amos, portanto, continuar falando de problemas de “linguística geral”. Uma noção que pode ser entendida em diversos sentidos. Podemos dar ao termo “geral” um valor dimensional: o conjunto das línguas, as leis de sua evolução. Tal como eu a compreendo, a linguística geral é a linguística que se interroga sobre si mesma, sobre sua definição, sobre seu objeto, sobre seu estatuto e sobre seus métodos. Trata-se, portanto, de uma interrogação incessante, que se desenvolve, que se renova, na medida em que a experiência do linguista se aprofunda e que seu olhar se amplia (Benveniste, 2014, p. 90).

Vale repetir: *a linguística geral é a linguística que se interroga sobre si mesma*. Benveniste dá o tom.

Se entendemos bem o pensamento de Benveniste, não seria absurdo supor que ele esteja sugerindo que, para sermos cientistas, não é necessário fazer uma linguística desvinculada da atitude epistemo-

⁵ Novamente, cf. Othero; Flores (2023, 2024).

lógica de indagar sobre a configuração desse saber. Não é necessário — em nome de um tecnicismo muitas vezes inviabilizador de um diálogo mais amplo com as *ciências conexas* (Saussure, 1975) — deixar de pensar sobre como cada investigação científica, que faz de um fato a ser investigado um *factum specialis*, se articula à reflexão geral da linguagem humana como *factum universalis*. Essa articulação não é, propriamente falando, um modelo pronto; ele é construído a cada vez que fazemos linguística, e as respostas podem suscitar diferentes interfaces (com a cultura, com a biologia, com as ciências da informação etc.).

De certa maneira, tal articulação, nós a encontramos em Rizzi. De um lado, nosso autor não se furta de fazer pesquisa sobre a sintaxe de línguas particulares (como sua intensa contribuição ao estudo da sintaxe do italiano e do inglês, por exemplo). De outro, ele traz à tona questões gerais que o conduzem (aquisição da linguagem, aspectos universais da linguagem, variação/invariância entre as línguas, arquitetura gramatical etc.), além da proposta e do desenvolvimento de aspectos da teoria da localidade e da cartografia das estruturas sintáticas. É nessa articulação que vemos a potencialidade de seu trabalho.

De nossa parte, temos defendido, inspirados em Benveniste, que toda linguística teria um componente geral, e pensar sobre isso é supor que a linguística é, em si, uma *epistemologia única* (Flores; Othero, 2023, p. 13):

por ser *scientia infima* e *scientia unica* e por incidir sobre um objeto que é *res unica* é que a linguística pode ser considerada uma epistemologia, como quer Benveniste; e isso no sentido de ser uma *epistemologia única*, vendo como essa *scientia* que é *infima* e *unica* e que incide sobre uma *res* que também é *unica* constrói-se e reconstrói-se, continuamente, ou seja, uma epistemologia de si mesma.

Ao seguirmos nesse caminho, veremos que é o linguista que deve rever seu papel; ele poderia fazer, simultaneamente, a filosofia do saber que ele se esforça para dar a conhecer. Seria esse um começo para encontrar respostas (e o plural aqui tem valor teórico) às grandes questões da linguagem humana? Como se vê, nunca foi tão atual o pensamento que nos serve de epígrafe neste prefácio.

Valdir do Nascimento Flores
Gabriel de Ávila Othero
 Porto Alegre, outono de 2024.

Referências

- BATTISTI, E.; OTHERO, G. A.; FLORES, V. N. *Conceitos básicos de linguística. Sistemas conceituais*. São Paulo: Contexto, 2022.
- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- BENVENISTE, É. *Últimas aulas no Collège de France 1968 e 1969*. Trad. Daniel Costa da Silva *et al.* São Paulo: Editora da Unesp, 2014.
- CHOMSKY, N. *The Logical structure of linguistic theory*. Cambridge: Harvard, 1955.
- CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- FLORES, V. N. *A linguística geral de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Contexto, 2023.
- FLORES, V. N. *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- FLORES, V. N.; OTHERO, G. A. “Várias linguísticas, uma epistemologia da linguística”. In: OTHERO, G. A.; FLORES, V. N. (orgs.). *A linguística hoje: múltiplos domínios*. São Paulo: Contexto, 2023. p. 7-17.
- FLORES, V. N.; OTHERO, G. A. “Linguística geral”. In: OTHERO, G. A.; FLORES, V. N. (orgs.). *A linguística hoje: historicidade e generalidade*. São Paulo: Contexto, 2024. p. 105-119.
- GOMES, F. A.; OTHERO, G. A.; FLORES, V. N. (orgs.). “A linguística geral hoje”. *RELIN-Revista de Estudos da Linguagem*. n° 32, v. 4. UFMG, 2024.
- HASPELMATH, M. Human linguisticity and the building blocks of languages. *Frontiers in psychology*, v. 10, 2020.
- HASPELMATH, M. General linguistics must be based on universals (or non-conventional aspects of language). *Theoretical Linguistics*, v. 47, n. 1-2, 2021.
- HASPELMATH, M. *Investigações em linguística geral – textos escolhidos de Martin Haspelmath*. Edição, seleção de textos e tradução de Felipe Bilharva da Silva *et al.* São Paulo: Editora da Abralín, 2024.
- MARTIN, R. *Para entender a linguística*. Epistemologia elementar de uma disciplina. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- MEILLET Antoine, 1906, “L'état actuel des études de linguistique générale”, *Leçon d'ouverture du cours de grammaire comparée au Collège de France*, 13 février 1906.
- MILNER, J. C. *Introdução a uma ciência da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2021. Trad. Daniel Costa da Silva *et al.*
- NORMAND, C. “La question d'une science générale”. In: AUROUX, S. *Histoire des idées linguistiques – Tome 3: L'hégémonie du comparatisme*. Liège: Pierre Mardaga, 2000a.
- NORMAND, C. “Les thèmes de la linguistique générale”. In: AUROUX, S. *Histoire des idées linguistiques – Tome 3: L'hégémonie du comparatisme*. Liège: Pierre Mardaga, 2000b.
- NORMAND, C. “La généralité des principes”. In: AUROUX, S. *Histoire des idées linguistiques – Tome 3: L'hégémonie du comparatisme*. Liège: Pierre Mardaga, 2000c.
- NORMAND, C. *Saussure*. Trad. Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- NORMAND, C. “Saussure: uma epistemologia da Linguística”. In: SILVEIRA, E. M. (org.). *As bordas da linguagem*. Uberlândia: EDUFU, 2011 p. 11-30.
- OTHERO, G. A.; FLORES, V. N. (orgs.). *A Linguística Hoje: múltiplos domínios*. São Paulo: Contexto, 2023.
- OTHERO, G. A.; FLORES, V. N. (orgs.). *A Linguística Hoje: historicidade e generalidade*. São Paulo: Contexto, 2024.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975.

Prefácio

Thomas Römer*

Prezados colegas,
Senhoras e Senhores,
Caro Luigi Rizzi,

O estudo das línguas e de sua comparação tem uma longa tradição no Collège de France. Esse interesse pelas línguas provocou, no início do século XX, o estabelecimento de uma linguística científica que teve, desde o início, seu lugar no Collège de France, como demonstram, entre outras, as cátedras de Antoine Meillet, Émile Benveniste e Claude Hagège.

Há várias maneiras de conceber a disciplina linguística. Entretanto, todas as abordagens compartilham o mesmo fascínio pelas línguas, sua diversidade e suas possíveis aproximações. É a língua ou as línguas que nos distinguem dos primatas? É possível reconstruir uma língua original da qual derivam todas as outras?

O sonho de uma língua única faz evidentemente pensar no mito bíblico da Torre de Babel, que se encontra no Livro do Gênesis. De acordo com essa narrativa, a humanidade, em sua origem, era unida e falava apenas uma língua. Os homens então decidiram conduzir um projeto tecnológico de grande envergadura. Eles desejavam construir uma cidade com uma torre cujo topo alcançaria o céu. A ideia de se aproximar do céu desagradava profundamente a Deus, que decide confundir a língua dos homens para que não se compreendam mais entre si. Incapazes de se comunicar entre si, os homens interrompem a construção da cidade e da torre. Segundo essa narrativa, a diversidade das línguas é a consequência de uma punição divina. Segundo uma outra história bíblica que, curiosamente, está situada logo antes da Torre de Babel, a diversidade das línguas ocorre automaticamente, ligada ao estabelecimento, após o Dilúvio, dos três filhos de Noé e de

* Administrador do Collège de France, professor titular da cátedra de Estudos Bíblicos (*Milieux bibliques*).

seus descendentes em diferentes regiões da Terra. Cada povo fala automaticamente uma língua distinta.

E se as duas narrativas não fossem tão distantes uma da outra? A diversidade das línguas poderia ser compreendida, como afirma Luigi Rizzi, como variações em torno de um mesmo tema?

Luigi Rizzi foi professor de linguística na Universidade de Siena e na Universidade de Genebra. Ele lecionou em várias universidades europeias e americanas. Além disso, é autor de cerca de duzentos artigos e quatro livros, tendo recebido financiamento do Conselho Europeu de Pesquisa (European Research Council/ERC) para o projeto “Syntactic Cartography and Locality in Adult Grammar and Language Acquisition”¹. Suas pesquisas contribuíram para uma melhor compreensão da invariância e da variação entre as línguas, da teoria da localidade, da cartografia das estruturas sintáticas e da aquisição da linguagem.

Luigi Rizzi é um dos principais articuladores do quadro teórico conhecido como “princípios e parâmetros”, que concebe a variação linguística como determinada por um conjunto de escolhas binárias, os “parâmetros”, dentro de um sistema gramatical, que é, ao contrário, invariante.

Rizzi está na origem do conceito de “localidade”. Trata-se da ideia segundo a qual o cerne do tratamento sintático é “local” e sua aplicação se restringe a uma porção limitada da estrutura sintática, ainda que as representações sintáticas sejam potencialmente ilimitadas.

Outro tema central nos trabalhos de Luigi Rizzi é a cartografia das estruturas sintáticas, empreitada que teve grande repercussão na linguística comparativa. Essa descrição sintática possibilitou analisar e aproximar línguas muito distantes entre si, incluindo aí a língua de sinais.

Por fim, os trabalhos de Luigi Rizzi possibilitaram uma melhor compreensão da aquisição da linguagem ao introduzir hipóteses fundamentais sobre as representações linguísticas da criança. Ele demonstrou que os erros gramaticais aparentes das crianças refletem, na realidade, um modelo sintático que tem a mesma estrutura que aquela do adulto.

“Linguística Geral” — título da cátedra que Luigi Rizzi inaugura esta noite — mostra que seus trabalhos oferecem uma síntese de vá-

¹ Cartografia Sintática e Localidade na Gramática do Adulto e na Aquisição da Linguagem.

rias tradições intelectuais no interior da linguística, notadamente entre a tipologia linguística e a teoria do discurso.

Caro Luigi Rizzi, você é um linguista que domina toda a panóplia das línguas do mundo; sua obra tem um alcance muito amplo e você é capaz de estabelecer um diálogo produtivo com numerosas disciplinas. Portanto, o seu lugar é aqui no Collège de France. Desejamos-lhe cordiais boas-vindas e nos alegramos em poder ouvi-lo.

Complexidade das estruturas linguísticas, simplicidade dos mecanismos da linguagem

Aula inaugural proferida no Collège de France na
quinta-feira de 5 de novembro de 2020

Senhor Administrador,
Prezados colegas,
Caros amigos,
Senhoras e Senhores,

Permitam-me, em primeiro lugar, agradecer por estarem aqui, ou por estarem conectados, apesar de uma crise sanitária que nos deixa, de novo, profundamente preocupados e que afeta nossa saúde, nossa vida social e nossas vidas individuais.

Mas tentemos olhar para frente: falemos hoje sobre linguagem e linguística geral. A linguagem é um componente central da vida humana. Vivemos imersos na linguagem. Nós a utilizamos para estruturar nossos pensamentos, para comunicar e interagir com os outros, mas também no jogo e na criação artística. Sua onipresença, paradoxalmente, torna-a difícil de ser abordada como objeto de estudo científico: a linguagem está tão intrinsecamente ligada aos aspectos fundamentais da vida humana que suas notáveis propriedades passam despercebidas.

O estudo científico da linguagem deve, portanto, começar com uma tomada de distância e com um questionamento. Como um cientista de outro planeta, com uma linguagem totalmente diferente da nossa, estudaria a linguagem humana? Somente por meio de um esforço de distanciamento como esse é que chegamos a perceber o problema intelectualmente interessante por trás da evidência de um objeto demasiado familiar. A análise científica pode, então, começar.

Mas como abordar tal estudo? Qual perspectiva é legítima e suscetível de ser frutífera? Em seu trabalho tardio *The Descent of Man [A descendência do homem]*, Charles Darwin propõe conectar, poderíamos dizer de maneira um pouco anacrônica, as capacidades cognitivas humanas à sua teoria da evolução. Ele fala, é claro, sobre a linguagem:

A linguagem certamente não é um verdadeiro instinto, já que cada língua precisa ser aprendida. No entanto, difere amplamente de todas as artes comuns, pois o homem tem uma tendência instintiva para falar, como prova o balbucio de nossas crianças pequenas, enquanto nenhuma criança tem uma tendência instintiva para fazer cerveja, para fazer o pão ou para escrever (Darwin, 1871, p. 51)¹.

Há, portanto, na linguagem, uma dimensão de aprendizagem, mas também uma “tendência instintiva” natural que não observamos em outras práticas culturais. Cerca de um século antes, no primeiro parágrafo de seu *Essai sur l'origine des langues* [*Ensaio sobre a origem das línguas*], Jean-Jacques Rousseau já havia destacado a dupla dimensão, natural e social, da linguagem. Após ter enfatizado o componente incontornável da aprendizagem, em nossas capacidades linguísticas (“o uso e a necessidade fazem com que cada um aprenda a língua de seu país”), Rousseau escreve: “a fala, sendo a primeira instituição social, deve a sua forma apenas a causas naturais”. Portanto, a linguagem é o ponto de contato entre natureza e cultura, entre indivíduo e sociedade. Rousseau e Darwin, em contextos muito diferentes e de formas também muito diferentes, destacam o caráter especial, de fato único, da linguagem em relação a outras capacidades humanas.

Os pontos de vista que podem ser escolhidos são, portanto, numerosos. Sendo ao mesmo tempo um objeto natural e social, a linguagem pode ser abordada tanto com métodos e modelos explicativos provenientes das ciências formais e naturais, quanto com os instrumentos oferecidos pelas ciências humanas e sociais. A abordagem “naturalista” incidirá sobre as bases cognitivas da linguagem e os diferentes aspectos da dotação biológica que permite aos membros de nossa espécie aprender e usar as línguas. Esse ponto de vista construirá relações privilegiadas com as neurociências cognitivas, com a biologia humana e também com as ciências formais, capazes de fornecer instrumentos precisos para a modelização. A abordagem “culturalista”, por sua vez, se concentrará nas relações entre a linguagem e a sociedade, a história, as filologias e as literaturas.

Essas duas grandes perspectivas são por vezes percebidas como alternativas e como estando em competição uma com a outra, mas elas

¹ No original: “Language certainly is not a true instinct, as every language has to be learnt. It differs, however, widely from all ordinary arts, for man has an instinctive tendency to speak, as we see in the babble of our young children, while no child has an instinctive tendency to brew, bake, or write.”

deveriam ser vistas, antes, como complementares: é a própria natureza da linguagem, sua complexidade, seu *status* híbrido que justificam uma pluralidade de perspectivas e métodos. Além disso, as duas grandes perspectivas não são totalmente isoláveis uma da outra: não se pode estudar os fundamentos biológicos da linguagem sem utilizar fatos empíricos provenientes das línguas historicamente dadas. De maneira recíproca, o estudo de qualquer aspecto sócio-histórico da linguagem não pode senão se beneficiar dos resultados vindos das bases naturais das capacidades linguísticas. A adoção de uma ou de outra perspectiva é, portanto, a escolha de um centro de gravidade em um sistema complexo, em vez de uma visão estanque em relação a outras contribuições.

Criatividade sintática

A tradição intelectual na qual meu trabalho se insere tem raízes recentes na linguística formal das últimas seis décadas, principalmente na gramática gerativa, um programa de pesquisa que, por sua vez, está enraizado em uma tradição muito mais antiga. Essa tradição é marcada, ou até mesmo definida, por uma questão fundamental que foi chamada de questão da “criatividade” no uso normal da linguagem.

Todo falante é constantemente confrontando por frases novas, frases que nunca ouviu em sua experiência linguística anterior. No entanto, o falante pode integrar esses objetos novos, entendê-los, reagir de maneira apropriada em um diálogo coerente, criando por sua vez, eventualmente, outro objeto novo, outra frase. Então, o que é esse sentimento de familiaridade diante do que é constantemente novo?

Também é importante observar que a novidade das frases não é de forma alguma excepcional; ela é completamente normal no uso da linguagem. Por exemplo, é extremamente improvável que alguém entre vocês tenha ouvido, em sua experiência linguística anterior, exatamente a frase que estou produzindo neste momento.

Outro aspecto marcante, relacionado à novidade, é o caráter ilimitado de nossa capacidade de construir novas frases. O léxico é um conjunto finito de palavras: novas palavras podem certamente ser adicionadas, mas, a cada momento, o conjunto é finito, representável por um objeto material bem delimitado, como um dicionário. No domínio da frase, não é nada disso. Não há nada que possa se assemelhar a um repertório exaustivo de frases da língua, a um dicionário de frases. Podemos nos perguntar qual é a palavra mais longa em uma língua: basta

contar os fonemas ou os grafemas. No entanto, não podemos identificar “a frase mais longa” em uma língua: não importa o quão longa e complexa seja uma frase, sempre podemos construir uma frase mais longa adicionando um pedaço, uma oração subordinada, por exemplo. Estamos verdadeiramente no domínio do ilimitado; a analogia com o caso dos números naturais tem sido frequentemente mencionada.

Essas simples observações têm raízes antigas. No *Discours de la méthode* [*Discurso do Método*], René Descartes observou que a capacidade de organizar signos individuais em frases coerentes e apropriadas ao contexto discursivo distingue o homem dos animais:

Pois é algo notável que não há homens tão obtusos e estúpidos [...] que não sejam capazes de organizar diversas palavras juntas e compor um discurso pelo qual expressem seus pensamentos; e, ao contrário, não há outro animal, por mais perfeito e felizmente nascido que seja, que faça o mesmo (René Descartes, 1637/1951, p. 86).

As capacidades linguísticas também oferecem um teste confiável para distinguir o homem da máquina, segundo Descartes:

Pois podemos conceber que uma máquina seja feita de tal maneira que ela profira palavras [...], mas não que ela as organize de maneiras diversas para responder ao sentido de tudo o que for dito na sua presença, como os homens mais obtusos podem fazer (*Ibid.*).

As observações de Descartes permanecem fundamentalmente válidas quase quatro séculos depois. Apesar dos extraordinários avanços na computação, que fazem parecer bastante simples os autômatos que fascinavam Descartes, algumas propriedades da linguagem facilmente acessíveis a uma criança de cinco anos apresentam problemas importantes para os programas de interação linguística homem-máquina. Nós ainda estamos longe de um sistema de inteligência artificial que possa passar, de maneira completamente geral, pelo famoso teste de Alan Turing (Turing, 1950). Esse teste, em certo sentido, é uma versão moderna, embora concebida em um contexto muito diferente, do teste de Descartes para distinguir o homem da máquina. Paralelamente, o estudo detalhado dos sistemas de comunicação pelos especialistas em cognição animal confirma que as “línguas” de nossos parentes mais próximos, os primatas não humanos, são muito diferentes da linguagem humana, sendo radicalmente mais limitadas e pobres.

Mas o que está na raiz dessa diferença? Descartes sugere: é a capacidade de “organizar em conjunto diversas palavras” — portan-

to, uma capacidade combinatória. A importância da combinatoriedade para a linguagem humana já havia sido destacada alguns anos antes, em um contexto diferente, por Galileu. Em certo ponto do *Dialogue* [*Diálogo*] de Galileu, é posta em discussão a determinação de quais são as maiores conquistas do gênio humano. São postos em discussão os ápices da pintura, da escultura, da arquitetura, da poesia, da música, da ciência, da *arte navigatoria* etc. No entanto, Sagredo, um dos três participantes do diálogo, introduz outra ideia. A maior invenção da humanidade poderia ser a escrita alfabética.

Mas, além de todas essas impressionantes invenções, de qual superioridade de espírito testemunhou aquele que encontrou o meio de comunicar seus pensamentos mais íntimos a qualquer outra pessoa, mesmo que estivesse muito distante no espaço e no tempo? [...] e com que facilidade! Ao combinar de maneiras diversas vinte pequenos caracteres em uma folha de papel!² (G. Galilei, 1630/1970, p. 130).

Galileu caracteriza corretamente a escrita como uma invenção, um produto cultural (vimos o mesmo ponto em Darwin). No entanto, trata-se de uma invenção fundamentada em uma descoberta empírica crucial, em uma propriedade natural da linguagem, sua natureza radicalmente combinatória: o fato de que algumas dezenas de sons distintos, os fonemas, se combinam para dar origem a alguns milhares de morfemas, que se combinam para formar as palavras da língua, que, por sua vez, se combinam para definir um número ilimitado de sintagmas e frases, permitindo ao homem expressar e comunicar “*i suoi più reconditi pensieri*” (seus pensamentos mais íntimos).

Aproximadamente trinta anos após o *Dialogue* galileano, na *Grammaire générale et raisonnée* [*Gramática geral e racional*], Arnaud e Lancelot retomaram praticamente ao pé da letra as palavras de Galileu, identificando, na combinação de um pequeno número de sons que nos permite “expressar nossos pensamentos” e comunicar aos outros “tudo o que concebemos e todos os diversos movimentos de nossa alma”, “uma das maiores vantagens do homem acima de todos os outros animais” (1660/2016, p. 49).

Nas expressões de Galileu e dos gramáticos de Port-Royal, podemos observar claramente os dois termos polares que dão título a esta aula inau-

² No original: “(...) ma sopra tutte le invenzioni stupende, qual eminenza di mente fu quella di colui che s’immaginò di trovar modo di comunicare i suoi più reconditi pensieri a qualsivoglia altra persona, benché distante per lunghissimo intervallo di luogo e di tempo? ... E con qual facilità? Con i vari accozzamenti di venti caratteruzzi sopra una carta”.

gural: a simplicidade dos ingredientes de base e a complexidade do produto de sua combinação. Essa concepção é retomada na famosa frase de Wilhelm von Humboldt, “a língua faz um uso infinito de meios finitos”.

Uma grande contribuição da linguística estrutural da primeira metade do século XX foi estudar esses “meios finitos” e mostrar sua natureza sistemática. No entanto, focar nos inventários dos ingredientes de base é apenas uma parte da análise da linguagem; é igualmente necessário descrever as propriedades e compreender a natureza do mecanismo combinatório, o verdadeiro motor do sistema, o que possibilita “um uso infinito”.

Recursividade

A primeira e fundamental contribuição de Noam Chomsky, nos anos 50 do século passado, foi abordar a questão da combinatoriedade e fornecer uma resposta precisa a ela. O conhecimento da língua implica o armazenamento de inventários finitos (fonemas, morfemas, palavras) e o domínio de um sistema de regras combinatórias responsável pela geração de expressões linguísticas complexas. É possível estudar com precisão esses sistemas usando certos formalismos elaborados (de maneira totalmente independente) nos estudos sobre os fundamentos lógicos da matemática, como sistemas de regras de reescrita, por exemplo (Chomsky, 1955 e 1957).

Desde então, a ênfase é deslocada dos inventários finitos para os sistemas dinâmicos que geram conjuntos potencialmente ilimitados de representações. Esse deslocamento de ênfase vai caracterizar as décadas subsequentes da pesquisa linguística até os dias atuais.

Esses aspectos foram evocados nos ensinamentos de eminentes intelectuais no Collège de France, já no início da década de 1960. Émile Benveniste observava:

Os fonemas, os morfemas, as palavras [...] podem ser contados; eles são em número finito. As frases, não. [...] A frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação. (Benveniste, 1966, p. 129)

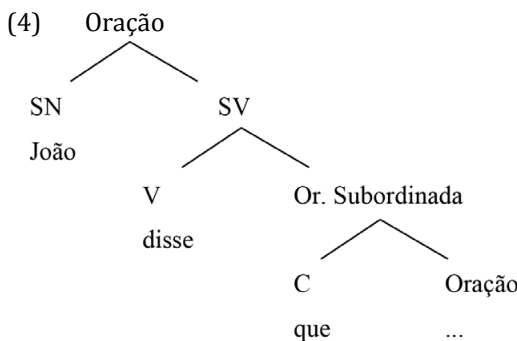
E Claude Lévi-Strauss:

A sintaxe não espera para se manifestar até que uma série teoricamente ilimitada de eventos tenham podido ser identificados, porque consiste no conjunto de regras que rege a sua geração. (Lévi-Strauss, 1964, p. 15-16)

Mas o que permite a uma entidade finita, como um sistema de regras formais, um computador ou o nosso cérebro, dominar um conjunto infinito de estruturas — em outras palavras, fazer “um uso infinito de meios finitos”? Uma simples noção formal, bem estudada na lógica matemática, se aplica muito bem aqui: a recursividade. É a propriedade de uma regra, ou de um sistema de regras, de se reaplicar ao seu próprio resultado, criando assim um *looping* que pode ser percorrido indefinidamente³. Dessa forma, a formalização da aritmética feita pelo matemático italiano Giuseppe Peano pode ser concebida como envolvendo a regra recursiva “adicionar 1”, que, por adições sucessivas da unidade, permite gerar qualquer número natural. Pode-se pensar na gramática gerativa de uma língua da mesma maneira, como um sistema recursivo capaz de gerar uma infinidade de frases. Falemos mais um pouco sobre os formalismos gerativos originais, conforme apresentados, por exemplo, na formidável introdução à gramática gerativa de Nicolas Ruwet (1967), minha primeira leitura em gramática gerativa, que me convenceu a seguir essa direção nos meus estudos. Considere, por exemplo, o pequeno sistema de regras de reescrita a seguir, simplificado em muitos aspectos:

- | | |
|---|--------------------|
| (1) Oração → Sintagma Nominal | Sintagma Verbal |
| (2) Sintagma Verbal → Verbo | Oração subordinada |
| (3) Oração subordinada → Complementizador | Oração |

Esse simples sistema permite construir a seguinte estrutura arbórea, com as regras (1), (2), (3) funcionando como instruções para construir árvores elementares que se unem como peças de Lego:



³ Sobre a teoria da recursividade: Turing (1936), Posto (1936), bem como a discussão em Boolos, Burgess e Jeffrey (2002).

Se uma oração pode conter outra dentro dela, isso permite que o sistema forme *loopings* e, assim, gere uma família de estruturas indefinidamente expansíveis, como (5), por exemplo:

(5) João disse [que Maria pensa [que Pedro receia [que...]]]

As frases que usamos normalmente, ou que encontramos em um texto, são muito menos monótonas do que esse exemplo, porque as formas de recursividade são numerosas e podem ser alternadas e variadas, mas o princípio abstrato está claro.

A natureza exata dos procedimentos recursivos utilizados pelas línguas humanas foi discutida em detalhes por cerca de meio século na linguística formal. Recentemente, alguns linguistas chegaram à conclusão de que há apenas uma única regra recursiva, de grande simplicidade e generalidade, que engloba regras específicas como (1), (2) e (3). É a operação chamada *Merge*, em inglês, a operação-chave do Programa Minimalista, o modelo mais recente da gramática gerativa (Chomsky, 1995; ver também Chomsky, 2020, para uma discussão recente). Foi novamente Chomsky quem a introduziu, quarenta anos após seu primeiro livro importante, *Syntactic Structures [Estruturas sintáticas]* (Chomsky, 1957)⁴.

(6) *Merge*: ... A ... B ... \rightarrow $\begin{array}{c} \wedge \\ A \quad B \end{array}$

Então, dois elementos, A e B, podem ser unidos, resultando na expressão nova [A B]. Essa união é recursiva, então o conjunto [A B] pode ser unido com outro elemento C, resultando na estrutura complexa [C [A B]], e assim por diante, via aplicação de *Merge*.

No estado atual de nossos conhecimentos, a operação de *Merge* é uma propriedade universal da linguagem humana. Nenhuma lín-

⁴ N. T.: Rizzi fecha esse parágrafo com a seguinte frase: “On pourrait traduire *merge* en français comme « fusionner », « combiner » ou encore « assembler », terme que je vais désormais utiliser ici (6)” [Poderíamos traduzir *merge* em francês como “fusionner”, “combiner” ou ainda “assembler”, termo que vou utilizar daqui em diante]. Nesta tradução, optamos por manter o termo original em inglês, *Merge*, por já ser corrente na literatura gerativista no Brasil, seja na produção de linguistas brasileiros, seja na tradução dos textos gerativistas publicados no país. No entanto, há, no Brasil, como indicou um dos pareceristas anônimos da Editora da Abralín que avaliou esta tradução, uma flutuação terminológica na tradução desse termo: “Não há consenso por aqui quanto ao termo a usar. Uns usam ‘juntar’, outros ‘concatenar’, outros ‘conectar’ e outros ainda ‘soldar’”. Agradecemos ao parecerista pela contribuição feita, apontando essa discussão.

gua conhecida limita seus enunciados somente a palavras isoladas ou a combinações de duas, três ou quatro palavras, o que seria esperado de um sistema sem uma operação recursiva do tipo *Merge*. Essa é uma propriedade crucial e distintiva da linguagem humana. Se examinamos os sistemas de comunicação animal, especialmente os dos nossos parentes mais próximos, os primatas não humanos, como vemos, por exemplo, na síntese recente de Schlenker *et al.* (2016), encontramos apenas algumas formas rudimentares de combinações de dois elementos, sem vestígio de aplicação recursiva. O procedimento recursivo parece ser, portanto, uma marca distintiva da linguagem humana adulta, levantando questões importantes sobre a ontogênese e a filogênese dessa capacidade humana. Questões que só podem ser exploradas em um modelo interdisciplinar de neurociências cognitivas.

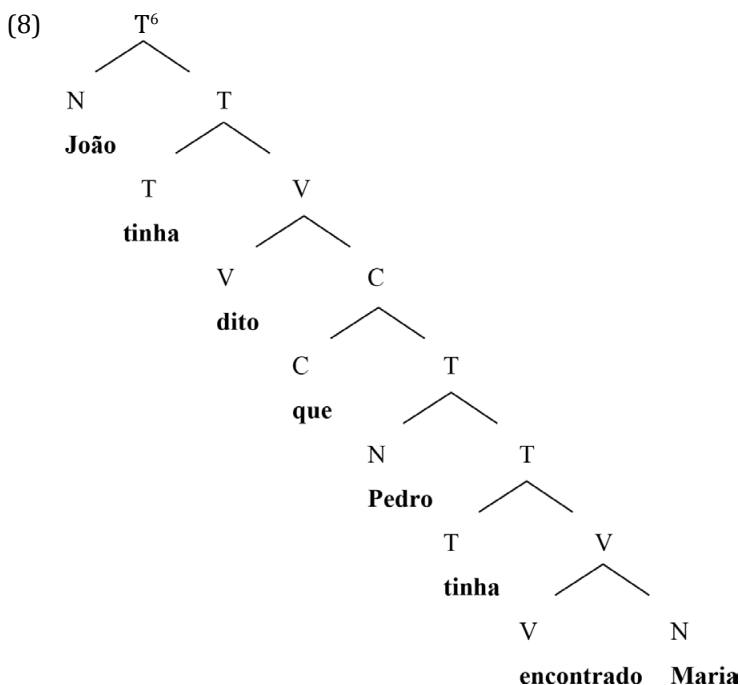
Linearidade e hierarquia

Desviemos agora a atenção das regras combinatórias e passemos para as representações geradas. Todo enunciado (toda frase oral ou escrita) se apresenta aos nossos sentidos como uma sequência de elementos: sons (ou gestos, em línguas de sinais), grafemas, palavras. Na frase (7), por exemplo, as palavras se seguem uma após a outra como as contas de um colar.

(7) João disse que Pedro tinha encontrado Maria.

No entanto, se o que dissemos sobre a geração estiver correto, as representações linguísticas são necessariamente mais complexas do que simples sequências lineares. Uma dimensão vertical, hierárquica, é inevitável. Esse caráter das representações linguísticas em duas dimensões é bem expresso pelas estruturas das árvores. A árvore associada a uma frase pode ser entendida como a recapitulação de todas as aplicações de *Merge* necessárias para sua geração, em que cada aplicação gera uma árvore elementar. É assim que uma pequena frase como (7) é representada pela árvore (8), simplificando as coisas em alguns aspectos⁵.

⁵ Cada nó criado pela operação de *Merge* recebe um rótulo de forma algorítmica, aspecto que não discutirei aqui.



Essas representações têm propriedades notáveis, que foram objeto de estudos detalhados. Em primeiro lugar, a ramificação da árvore é sempre binária. Poderíamos facilmente imaginar representações com ramificações múltiplas, mas não, as línguas naturais utilizam apenas a ramificação binária. É uma descoberta importante, entre muitas outras, de Richard Kayne, meu professor na Universidade Paris 8-Vincennes, juntamente com Nicolas Ruwet: mesmo nos casos em que uma ramificação ternária ou n -ária poderia ser plausível, como na construção de duplo objeto em inglês (*Mary gave Bill a book* [Maria deu um livro a João]), uma análise cuidadosa mostra que a estrutura binária se revela correta (Kayne, 1983).

Que tipo de argumento empírico podemos apresentar a favor de uma organização hierárquica invisível e inaudível como (8), que acompanha a organização linear/sequencial imediatamente visível? De fato, há boas razões para acreditar que a organização hierárquica invisível

⁶ N. T.: A frase original analisada por Rizzi na árvore (8) é *Jean a dit que Pierre avait rencontré Marie*, que seria mais bem traduzida por “João disse que Pedro tinha encontrado Maria”. Decidimos traduzir a forma em *passé composé*, “a dit”, por “tinha dito” para manter o paralelismo com a árvore sintática original, em que todos os nódulos terminais são preenchidos por um item lexical.

é muito mais fundamental para o funcionamento da linguagem do que a organização linear visível. As regras gramaticais são invariavelmente sensíveis à organização hierárquica. Sempre que essas duas organizações entram em conflito, é sempre a organização hierárquica que prevalece. Para tentar ilustrar esse ponto, vou discutir os processos de movimento e os efeitos de localidade.

Movimento e localidade

A construção das estruturas, unindo peças separadas é, certamente, o procedimento central da combinatoriedade linguística — mas não o único. Nas línguas naturais, frequentemente elementos são pronunciados em posições distintas daquelas em que são interpretados. Consideremos uma pergunta sobre um constituinte como a seguinte:

(9) Que livro João quer comprar?

A expressão *que livro*, pronunciada no início da frase, deve ser interpretada como objeto direto do verbo *comprar*. Dizemos que existe uma dependência entre a expressão inicial e o verbo que rege sua interpretação.

A maneira clássica para abordar o problema das dependências à distância é postular uma operação de movimento. Em uma representação abstrata, a expressão *que livro* aparece de fato na posição de objeto direto de *comprar*, como vemos em (10a), e depois é deslocada para a posição inicial, como aparece em (10b):

(10)

a. João quer comprar que livro

b. **Que livro** João quer comprar <que livro>?



O movimento deixa um “vestígio”, uma cópia na posição de origem, uma posição que não é pronunciada, mas que é perceptível por nossa gramática mental. Ora, qualquer movimento obedece a princípios de localidade, que limitam sua aplicação em certos contextos. Consideremos, por exemplo, a seguinte assimetria: um elemento in-

terrogativo pode ser movido de uma declarativa, mas não de uma pergunta indireta. Tendo (11a) como base, a pergunta em (11b) pode ser elaborada, ao passo que, a partir da interrogativa indireta (12a), é completamente impossível obter a pergunta em (12b), na interpretação em que questionamos sobre a hora da chegada (o asterisco marca essa impossibilidade):

- (11)
 a. Você disse [que o João chega hoje].
 b. **Quando** você disse [que o João chega **quando**]?

- (12)
 a. Você sabe [quem chega hoje].
 b. ***Quando** você sabe [quem chega **quando**]?

Por que tal restrição? Vemos aqui a ação de um princípio de localidade bem conhecido, a “minimalidade relativizada”, que bloqueia qualquer movimento que cruze um elemento do mesmo tipo que o elemento deslocado (Rizzi, 1990, 2004 e 2018). O movimento de Y para X é bloqueado em uma configuração de intervenção, como a seguinte, onde Z é um elemento do mesmo tipo que X:

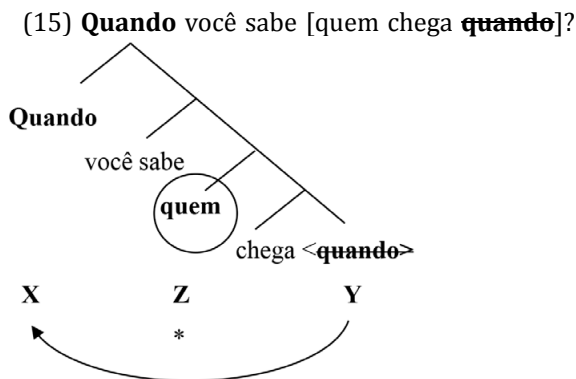
- (13) ... X ... (Z) ... Y ...

Na representação da frase (12b), é o elemento interrogativo *quem* que bloqueia o movimento de *quando*, que também é um elemento interrogativo. Em outros contextos, entretanto, o efeito de bloqueio de movimento não é observado. A partir de (14a), é possível derivar facilmente uma pergunta como (14b):

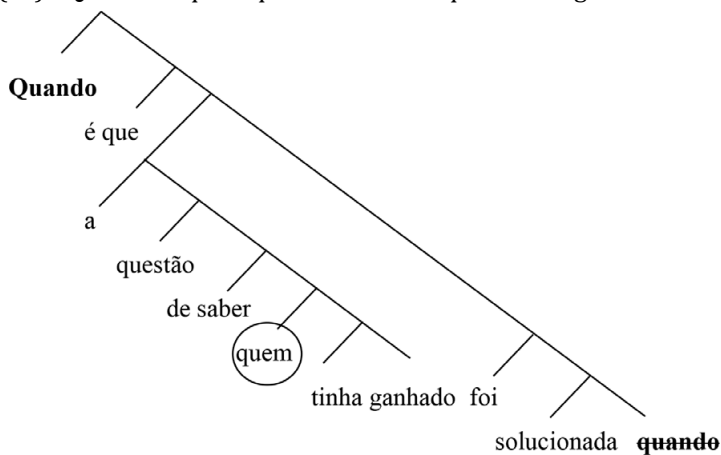
(14a) A questão de saber quem tinha ganhado foi solucionada no fim do dia.

(14b) **Quando** é que a questão de saber quem tinha ganhado foi solucionada __?

Por que em (14b), *quem* não causa um efeito de bloqueio, ao contrário do que acontece em (12b)? As estruturas arbóreas apresentam imediatamente a resposta:



(16) **Quando** é que a questão de saber quem tinha ganhado foi solucionada _?



Em (15), *quem* aparece hierarquicamente entre *quando* e seu vestígio, por estar mais abaixo na árvore do que *quando* e mais alto do que o vestígio, uma propriedade que pode ser expressa de maneira precisa pela relação formal de c-comando⁷, mas que deixo aqui em

⁷ C-comando (ou “comando de constituinte”, Reinhart, 1976) é uma relação estrutural fundamental. Diz-se que A c-comanda B quando B está contido no nó unido com A. *Quem* ocorre hierarquicamente entre *quando* e seu vestígio em (15), no sentido de que *quem* comanda o vestígio e é comandado por *quando*. Em (16), *quem* está tão profundamente encaixado que não pode c-comandar qualquer coisa na oração principal; então, em (16), *quem* não intervém hierarquicamente entre *quando* e seu vestígio.

um nível intuitivo. Tal bloqueio com base na hierarquia desencadeia o efeito de localidade. Por outro lado, em (16), *quem* está entre *quando* e seu vestígio somente na sequência linear: ele está encaixado demais para afetar a boa formação da estrutura. De maneira totalmente geral, é apenas a intervenção hierárquica que entra no cálculo da localidade; a intervenção linear simplesmente não é percebida pelo sistema.

O que vale para o movimento e para a localidade vale também para todos os tipos de processos gramaticais, desde regras morfossintáticas de atribuição de Caso até regras de concordância, passando por fenômenos interpretativos, como a interpretação de pronomes e elementos anafóricos⁸, ou outros fenômenos de interface entre a sintaxe e a semântica, como a atribuição de escopo aos quantificadores, sem esquecer os processos de interface entre a sintaxe e a fonologia, como as restrições de *liaison* em francês e muitos outros fenômenos fonossintáticos (Manzini, 1983; Rizzi e Savoia, 1993). Em resumo, nossa gramática mental, em sua totalidade, é sensível às relações hierárquicas invisíveis e não às relações de ordem linear, que são imediatamente observáveis.

A virada experimental

Tentemos reconstruir a lógica do raciocínio que acabamos de desenvolver. Nos casos analisados, comparamos duas hipóteses sobre a organização das estruturas linguísticas: uma linear, baseada na sequência de palavras, e outra hierárquica, baseada na organização da estrutura em árvores. A formulação precisa dessas hipóteses permite gerar previsões testadas com base em julgamentos de aceitabilidade e interpretação de falantes nativos. Esse raciocínio implica, portanto, dois componentes:

1. A construção de um modelo preciso, dotado de certa profundidade dedutiva e capaz de gerar previsões empíricas.
2. A verificação dessas previsões.

São os dois pilares da abordagem científica, estabelecida nas ciências da natureza desde o século XVII, e da lição galileana: a *sen-sata esperienza* (experiência fundamentada nos sentidos) e as *necessary dimostrazioni* (demonstrações necessárias), das quais Galileu fala

⁸ Aí incluídos os pronomes “logofóricos”, estudados por Claude Hagège, meu antecessor em linguística teórica no Collège de France (Hagège, 1974).

em 1615 em sua famosa carta a Cristina de Lorena, arquiduquesa da Toscana, uma espécie de manifesto da ciência moderna. Esses dois componentes se mostram aqui aplicáveis ao estudo da linguagem.

Durante várias décadas, a pesquisa linguística formal recorreu a um experimentalismo radicalmente simplificado, baseado nas capacidades introspectivas dos falantes. Qualquer falante nativo de uma língua pode responder a perguntas simples, tais como “seria possível dizer essa ou aquela frase nesse ou naquele contexto?”, ou “Essa frase permite essa ou aquela interpretação?”. Com base em um aparato metodológico tão simples, os linguistas formais puderam constituir um repertório de conhecimentos extremamente rico sobre as línguas do mundo, dada a grande riqueza e sutileza dos conhecimentos linguísticos aos quais qualquer falante pode ter acesso por meio da introspecção. Esse vasto repertório de dados está se tornando cada vez mais acessível à comunidade científica. Por exemplo, o projeto TerraLing, organizado e dirigido por Hilda Koopman, oferece uma base de dados aberta e pesquisável desse repertório, que se enriquece constantemente (Koopman e Guardiano, 2020).

Apesar de sua eficácia formidável, a técnica de julgamentos de aceitabilidade e de interpretação pode ser somente uma parte da história. Em primeiro lugar, aquilo que é acessível à introspecção tem limites muito precisos: temos um acesso introspectivo aos resultados de nossos cálculos mentais sobre as estruturas linguísticas, mas não aos mecanismos mentais envolvidos nem a seu funcionamento, que permanecem totalmente inconscientes. Além disso, esses métodos são difíceis de serem usados em algumas situações — com crianças pequenas, por exemplo. Por fim, é uma boa prática científica variar a natureza dos dados empíricos tanto quanto possível.

É por todas essas razões, e outras ainda, que a linguística formal se abriu, no último quarto de século, para uma verdadeira virada experimental, caracterizada por uma grande variedade de técnicas e metodologias.

Uma experimentação aprofundada é absolutamente indispensável se nos questionarmos sobre como os conhecimentos linguísticos estão representados no cérebro dos falantes, tema central da neurolinguística. Aqui, o tema se cruza com um tema típico da linguística comparativa: o das regras linguísticas possíveis e impossíveis. Se compararmos as línguas, observaremos que certas regras, embora fáceis de imaginar, não são atestadas em nenhuma língua. Em alguns casos, há

claras razões de princípio para essa exclusão. Por exemplo, considere regras que violariam sistematicamente as estruturas hierárquicas das frases: essas regras nunca são atestadas em nenhuma língua do mundo. Por exemplo, nenhuma língua do mundo coloca a negação em posição fixa na sequência linear de palavras — depois da segunda palavra de cada frase, por exemplo. E nenhuma língua do mundo forma uma frase interrogativa fazendo uma imagem espelhada da ordem de palavras de sua declarativa correspondente.

Andrea Moro e colaboradores⁹ investigaram como regras possíveis e impossíveis são aprendidas e representadas no cérebro. Eles mostraram que podemos aprender tanto regras linguisticamente possíveis quanto impossíveis. No entanto, nosso cérebro faz uma distinção: por meio de imagens de ressonância magnética (MRI), é possível observar que os circuitos linguísticos, especialmente a região de Broca, estão envolvidos na aprendizagem de regras possíveis, ao passo que outros circuitos não linguísticos são recrutados na aprendizagem de regras impossíveis. Somos capazes de aprender regras linguísticas impossíveis — assim como aprendemos todo o tipo de regras não linguísticas na vida cotidiana —, mas nosso cérebro discrimina os dois tipos de regras e não envolve os circuitos dedicados à linguagem na aprendizagem das regras linguísticas impossíveis.

Mas como nosso cérebro calcula procedimentos recursivos, permitindo assim dominar o conjunto ilimitado de frases da língua? A recursividade no cérebro é, de alguma forma, o Santo Graal da pesquisa neurolinguística. Como proceder? Primeiro, é necessário identificar as estruturas neurais envolvidas no processamento de estruturas recursivas; depois, é preciso tentar compreender, por meio de pesquisa por imagem e via modelagem formal, como o cálculo recursivo é implementado pelas estruturas cerebrais.

Investigando esse tipo de questões, Stanislas Dehaene, Christophe Pallier e colaboradores mostraram, por meio da técnica de MRI, que certas áreas do circuito linguístico se ativam progressivamente à medida que o tamanho dos sintagmas cresce (e, portanto, que o número de aplicações recursivas aumenta): não apenas algumas partes da região de Broca, mas também o sulco temporal superior. Essa ativação ocorre independentemente da semântica lexical, sendo observada mesmo se as palavras forem substituídas por “palavras inventadas”

⁹ Tettamanti *et al.* (2002), Moro (2008).

sem significado (aquilo que chamamos, segundo Lewis Carroll, *Jabberwocky*, como por exemplo, “o ricalé pouge um baloque¹⁰”). O circuito identificado por esses autores parece responder seletivamente à complexidade sintática, à aplicação reiterada de *Merge*.

Uma quantidade considerável de trabalho ainda precisa ser feita para chegarmos a uma compreensão precisa da natureza e do funcionamento das computações cerebrais em jogo na linguagem. Entretanto, os linguistas formais e os neurocientistas falam hoje linguagens técnicas suficientemente próximas e compatíveis para permitir colaborações frutíferas, e o progresso do conhecimento nessa área cresce constantemente.

Invariância e variação

Voltemos à questão da complexidade da linguagem e observemos uma de suas dimensões mais marcantes. Se compararmos as línguas, o aspecto que imediatamente salta aos olhos é a variabilidade, que afeta todos os níveis de análise: variabilidade nos sons, nas formas morfológicas, na sintaxe, no léxico, talvez até nos significados (embora a variabilidade semântica seja mais controversa e, de qualquer forma, menos imediatamente visível). No entanto, o linguista não pode parar ao constatar essa variabilidade. Ele deve questionar o quadro geral dentro do qual a variabilidade é possível. A própria possibilidade de uma linguística geral depende desse questionamento. De fato, os fundadores da disciplina verbalizaram claramente a questão: no *Curso de linguística geral*, compilado pelos alunos de Ferdinand de Saussure com base em seus ensinamentos em Genebra no início do século XX, lemos:

A tarefa da Linguística será:

- a) Fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger (...);
- b) Procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história (...)

(Saussure, 1995[1916], p. 20)

De forma semelhante, em sua aula inaugural do curso de gramática comparada no Collège de France, em 13 de fevereiro de 1906, Antoine Meillet diz:

¹⁰ Pallier *et al.* (2011), Dehaene *et al.* (2015), Nelson *et al.* (2017).

A busca de leis gerais, tanto morfológicas quanto fonéticas, deve ser, de agora em diante, um dos principais objetos da linguística. Mas, por sua própria definição, essas leis ultrapassam os limites das famílias de línguas: elas se aplicam à humanidade inteira. (Meillet, 1906, p. 91)

Portanto, não podemos nos limitar, de acordo com Meillet, à identificação de generalizações internas a uma família de línguas, como as línguas indo-europeias, por exemplo; é necessário almejar mais alto, buscando as leis universais da linguagem.

Na mesma linha, Émile Benveniste observa:

[..] a linguística tem um duplo objeto, ela é ciência da linguagem e ciência das línguas. Essa distinção, que não fazemos sempre, é necessária: a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, é diferente das línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza. [...] Mas [...] essas vias diferentes muitas vezes se entrelaçam. (Benveniste, 1966, p. 19)

A questão que se coloca, portanto, consiste em saber como conciliar a descrição detalhada das línguas individuais com a busca pelos universais da linguagem. Como expressar de maneira ótima o entrelaçamento entre essas linhas de pesquisa, do qual Benveniste nos fala? Diferentes abordagens propostas ao longo do século XX tentaram tratar dessa questão, favorecendo ora a variação, ora a invariância, em detrimento de um dos aspectos, ao passo que ambos são igualmente essenciais.

Uma ideia simples, introduzida na gramática gerativa no final dos anos 1970, definiu a abordagem moderna dessa questão e influenciou profundamente os estudos comparativos das últimas décadas. Podemos conceber que a faculdade humana da linguagem especifica uma gramática universal, um sistema de cálculo mental dedicado à linguagem. Esse sistema consiste em certas regras universais, que estão submetidas a princípios gerais de aplicação e que especificam um número finito de parâmetros. Os parâmetros são pontos de escolha deixados em aberto pelo sistema e podem assumir, tipicamente, um de dois valores possíveis. Equipada por esse sistema, a criança fixa os parâmetros com base em sua experiência, nos enunciados que ouve em seu ambiente linguístico, e adquire, assim, a gramática de sua língua, que é uma das realizações possíveis do sistema geral. De acordo com esse ponto de vista, a aquisição de uma língua é um procedimento de seleção que a criança realiza, com base na experiência, a partir

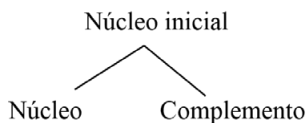
de um conjunto de opções geradas por sua mente. Essa maneira de conceber a aprendizagem se inscreve na linha do que foi mostrado, na pesquisa sobre o estado cognitivo inicial do bebê, por Jacques Mehler e suas extraordinárias escolas de experimentalistas na França e na Itália, bem como por Jean-Pierre Changeux e Stanislas Dehaene em suas pesquisas sobre as bases neurais da aprendizagem¹¹. Essas ideias e resultados revisitam, na perspectiva da ciência moderna, o debate clássico sobre a natureza do conhecimento, encontrando suas raízes antigas no pensamento grego.

Para nos atermos aos aspectos linguísticos, de acordo com o modelo paramétrico, as línguas humanas são variações de um tema subjacente único, a gramática universal. A variabilidade é importante, mas limitada pelos pontos de escolha paramétrica e fortemente restringida pela estrutura invariante do sistema.

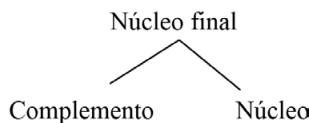
Reconsideremos o que dissemos sobre as estruturas linguísticas à luz da teoria dos parâmetros. A operação de *Merge* é um mecanismo universal. Todas as línguas que conhecemos constroem estruturas com base nesse mecanismo. As configurações resultantes são organizadas hierarquicamente; uma relação hierárquica fundamental como a de c-comando e alguns princípios de localidade têm alcance universal.

Ainda assim, é necessário linearizar as estruturas hierárquicas para que elas sejam utilizáveis. É o princípio da linearidade do significante, do qual Saussure nos falou. E a ordem linear está submetida à variação. Há, à primeira vista, uma grande variação na organização da ordem de palavras nas línguas do mundo. Um estudo mais cuidadoso, contudo, permite ver que a variação se reduz a uma ou outra de duas formas possíveis de linearização. Os dois valores do parâmetro de linearização são os seguintes:

(17) a.



b.



O núcleo é o elemento que seleciona, que determina a categoria do sintagma. Por exemplo, o verbo determina a categoria do sintagma

¹¹ Mehler et Dupoux (1990), Changeux (1983), (2002), Dehaene (2018).

verbal e seleciona seus complementos, o objeto direto (OD) em primeiro lugar. Assim, temos a ordem verbo-objeto, VO (*ler livro*), nas línguas de núcleo inicial, e a ordem objeto-verbo, OV (*livro ler*), nas línguas de núcleo final. A natureza exata desse parâmetro é motivo de debate: na abordagem clássica, poderia ser concebido como uma especificação que opera diretamente sobre a aplicação de *Merge*; no entanto, Kayne (1994) o trata em termos de movimento; e Berwick e Chomsky (2016) consideram que esse parâmetro opera na externalização de estruturas que, no interior da gramática, não são linearizadas. Não abordarei, aqui, esse debate importante — vou me deter na abordagem clássica na exemplificação do fenômeno.

Esse parâmetro pode ser fixado de maneira diferente por categorias diferentes em uma língua particular, mas, como Joseph Greenberg descobriu, as línguas mostram uma forte tendência à coerência, de modo a harmonizar as ordens ao longo da árvore sintática¹² (Greenberg, 1963). O inglês e o japonês são sistematicamente organizados: núcleo inicial no caso do inglês e núcleo final no japonês. Em inglês, como, aliás, em francês, o verbo precede o objeto, o auxiliar precede o sintagma verbal, o complementizador precede a oração. Em cada nível, o japonês escolhe a ordem oposta:

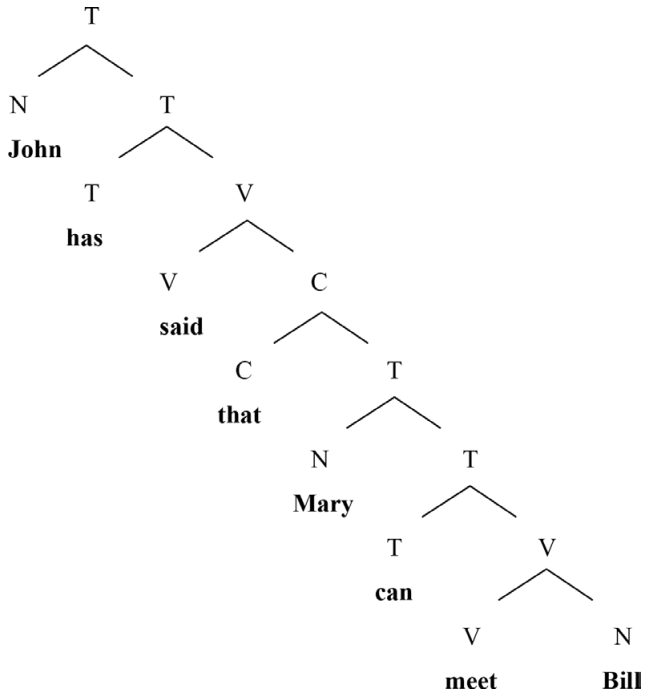
(18) John has said [that Mary can meet Bill]
 'João disse [que Maria pode encontrar Bill]'

(19) John-wa [Mary-ga Bill-ni a- eru- to] itte-aru
 João-Top Maria-Nom Bill-Dat encontrar pode que] disse
 'João disse [que Maria pode encontrar Bill]'

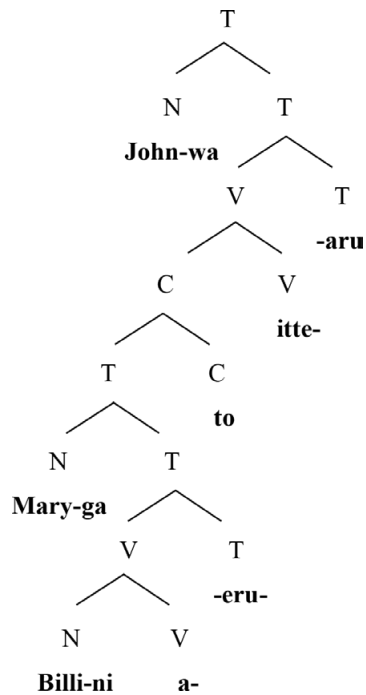
As árvores sintáticas correspondentes fornecem, como sempre, informações mais detalhadas. Elas mostram que as estruturas nas duas línguas quase espelham, mas não inteiramente, uma a outra:

¹² Para discussões recentes sobre esta linha de pesquisa, abordada em termos de gramática gerativa, consulte, entre outros, Cinque (2005) e Roberts (2019).

(20) a.



b.



Isso é assim porque algumas propriedades permanecem invariantes: a ordem sujeito-predicado permanece a mesma; na verdade, essa ordem é constante na grande maioria das línguas do mundo. Nas raras línguas em que o sujeito segue o predicado (por exemplo, nas línguas verbo-objeto-sujeito/VOS, como o malgaxe), uma análise de movimento do predicado para o início da frase parece plausível, a partir de uma estrutura subjacente com predicado final: S [V O] → [V O] S.

A ideia de uma organização do sistema da linguagem em princípios e parâmetros mostrou um valor heurístico extraordinário, e a gramática gerativa comparativa floresceu com base nisso (Chomsky, 1981, Rizzi, 1982, Kayne, 1983). A abordagem de princípios e parâmetros determinou, a partir dos anos 1980, um enriquecimento enorme das descrições teoricamente orientadas das línguas do mundo, bem como da base empírica dos modelos teóricos. Muitos aspectos, até mesmo fundamentais, desses sistemas ainda estão sujeitos a discussão: qual é o formato dos parâmetros? Em outras palavras, é possível definirmos o que é um parâmetro possível? E qual é o *locus* dos parâmetros, o local no sistema geral onde a informação paramétrica está inscrita? Essas questões são objeto de um importante debate¹⁵. Um debate tão ativo, quase quarenta anos após a introdução dessas noções, demonstra a vitalidade e a extraordinária atualidade dessa abordagem e da pesquisa comparativa resultante.

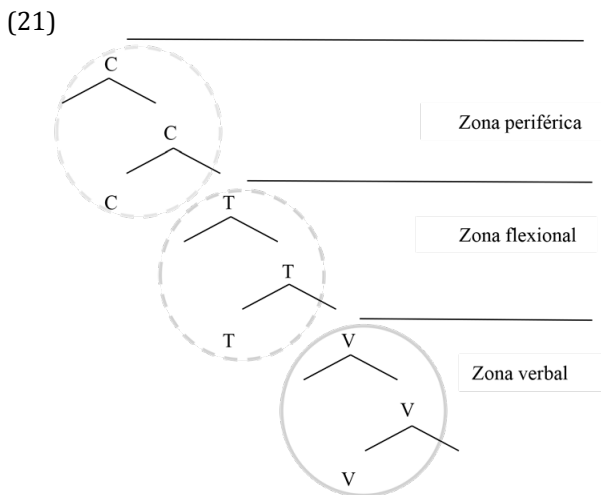
A cartografia das estruturas sintáticas

As estruturas sintáticas são objetos complexos, não apenas pela variação observada, mas também pela riqueza da sua articulação interna. No último quarto de século, alguns linguistas, fascinados por essa forma de complexidade, seguiram projetos de pesquisa que tentaram cartografar as estruturas. Trata-se, portanto, de desenhar mapas, tão detalhados quanto possível, sob a forma de estruturas arbóreas, das configurações sintáticas. Mas o que se cartografa exatamente? É certamente possível desenhar o mapa de um espaço delimitado, mas nós temos insistido no fato de que a sintaxe é um domínio infinito. Como podemos cartografar um espaço infinito?

¹⁵ Ver, por exemplo, o número especial da revista *Linguistic Analysis*, vol. 41, nº 3 e 4 (*Parameters*, editado por Simin Karimi e Massimo Piattelli-Palmarini), 2017, em <https://www.linguisticanalysis.com/volume-41-issue-3-4>.

A essa questão, pode-se responder que o espaço das estruturas sintáticas é infinito, gerado por procedimentos recursivos da operação de *Merge*, segundo a hipótese minimalista. No entanto, *Merge* não se aplica no vazio: é necessário um léxico, um inventário de elementos que podem ser combinados. Ora, os elementos do léxico, sejam eles elementos de conteúdo (nomes, verbos, adjetivos, etc.) ou elementos funcionais (artigos, auxiliares, complementizadores, etc.) apresentam exigências combinatórias particulares, o que determina operações de *Merge* de árvores elementares que são relativamente estáveis, limitadas pelas exigências lexicais. Dessa forma, há, por um lado, os átomos da sintaxe: os elementos do léxico e as árvores elementares que eles projetam¹⁴; de outro lado, agregações estáveis de átomos, espécies de moléculas complexas. É essa estrutura molecular que é objeto da análise cartográfica.

O fato de as estruturas arbóreas criadas por *Merge* se organizarem em zonas hierarquizadas é uma observação clássica. Por exemplo, pode-se ver a estrutura da frase como constituída por três zonas hierarquicamente ordenadas, circuladas em (21): a zona verbal, que expressa a estrutura argumental (quem faz o que a quem); a zona flexional, que expressa, entre outros, o tempo; e a zona periférica do complementizador, que expressa o tipo ou a força da frase (declarativa, interrogativa, imperativa, etc.), entre outros.

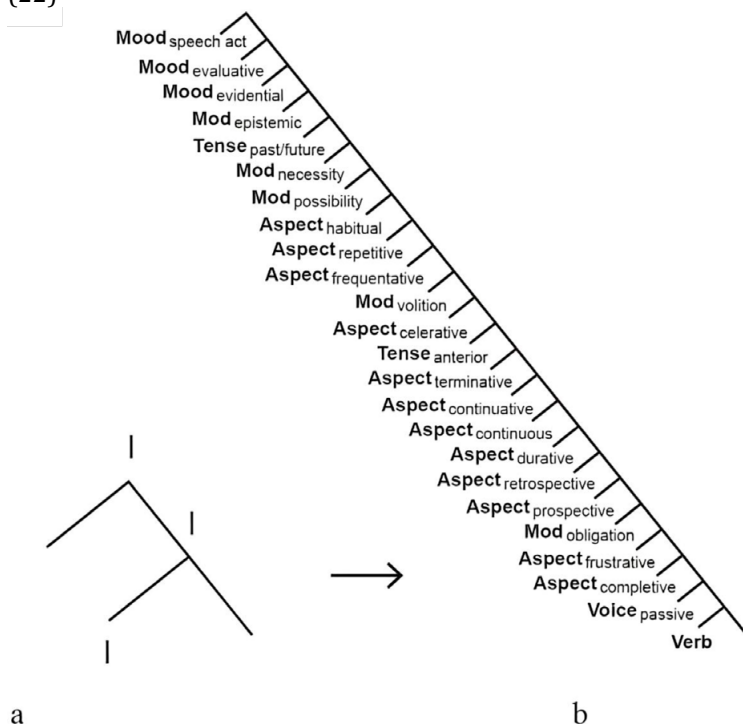


¹⁴ Em sua excelente introdução à teoria dos parâmetros, Baker (2001) utiliza o termo “átomos da linguagem” de forma diferente, para se referir aos parâmetros. Prefiro usar o termo para me referir aos ingredientes fundamentais da combinação sintática.

Mas (21) é apenas uma primeira aproximação. Em uma observação mais detida, percebe-se que é necessário enriquecer consideravelmente essas representações. Particularmente, interessa-nos cindir as zonas circuladas em seqüências de componentes menores, sempre organizados hierarquicamente, e mantendo a mesma geometria fundamental. O trabalho propriamente cartográfico pode, então, começar.

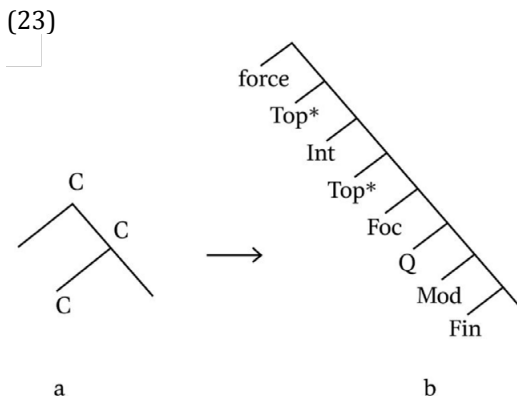
Dessa forma, a cisão progressiva da zona I (que contém as marcas da flexão temporal, modal e aspectual) em componentes mais finos, iniciada por Jean-Yves Pollock em meados dos anos 1980 (Pollock, 1989) e continuada pela contribuição de vários linguistas, deu origem, dez anos mais tarde, ao mapa detalhado de Guglielmo Cinque, representação (22b), alimentado por uma grande base de dados comparativos (Cinque, 1999)¹⁵.

(22)



¹⁵ N. T.: Mantivemos a representação arbórea em inglês, tal como Rizzi apresenta originalmente. No entanto, trazemos, ao leitor brasileiro, a seguir, uma tradução dos termos que constam nessa representação: *Mood*, “modo”; *speech act*, “ato de fala”; *evaluative*, “avaliativo”; *evidential*, “evidencial”; *epistemic*, “epistêmico”; *tense*, “tempo”; *past/future*, “passado/futuro”; *necessity*, “necessidade”; *possibility*, “possibilidade”; *aspect*, “aspecto”; *habitual*, “habitual”; *repetitive*, “repetitivo”; *frequentative*, “frequentativo”; *volition*, “volição”;

Paralelamente, o sistema inicial da frase, o complementizador (23a), pôde ser detalhado sob uma lupa cartográfica em meu próprio trabalho, a “estrutura fina” dessa periferia da frase tomando assim a forma de uma outra sequência funcional expandida, como em (23b).



De maneira análoga, os mapas detalhados de todos os sintagmas principais — nominal, verbal, adjetival, preposicional — foram identificados¹⁶. Os projetos cartográficos, inicialmente concebidos (ao menos para a periferia à esquerda) para detalhar certas zonas da árvore sintática nas línguas românicas e germânicas, rapidamente mostraram uma vocação geral. Ao longo das últimas duas décadas, o alcance empírico desses estudos se estendeu a numerosas línguas e famílias de línguas. Para além do núcleo inicial das línguas românicas e germânicas (Rizzi, 1997, 2000, 2004; Cinque, 1999, 2002; Belletti, 2004a-b, 2009; Poletto, 2000; Laenzlinger, 1997; Cardinaletti, 2004; Giusti, 2002; Benincà e Munaro, 2008; Berthelot, 2017; Botteri, 2018; Grewendorf, 2002; Haegeman, 2012; Samo, 2019; entre muitos outros trabalhos), foram cartografadas, entre as línguas indo-europeias, certas zonas estruturais das línguas celtas (Roberts, 2004) e eslavas (Krapova e Cinque, 2008), do grego moderno (Roussou, 2000), do armênio (Giorgi e Haroutyunian, 2016), do persa (Ilkhanipour, 2014). Fora da família indo-europeia, encontramos análises cartográficas do basco (Irurtzun,

celerative, “celerativo”; *anterior*, “anterior”; *terminative*, “terminativo”; *continuative*, “continuativo”; *continuous*, “contínuo”; *durative*, “durativo”; *retrospective*, “retrospectivo”; *prospective*, “prospectivo”; *obligation*, “obrigação”; *frustrative*, “frustrativo”; *completive*, “completivo”; *voice*, “voz”; *passive*, “passivo”; *verb*, “verbo”.

¹⁶ Uma síntese dos resultados é apresentada em Rizzi e Cinque (2016).

no prelo), das línguas fino-úgricas (Puskas, 2000; Jokilehto, 2014), das línguas semíticas (Shlonsky, 1998, 2014) e das línguas cuxíticas (Frascarelli e Puglielli, 2007). Muitas pesquisas se dedicaram à cartografia das línguas da África subsaariana, a partir do trabalho fundador de Enoch Aboch sobre as línguas gbe, mas também com vários trabalhos sobre as línguas bantas (Aboh, 2004; Biloa, 2013; Bassong, 2010; Torrence, 2013). Houve um grande interesse pela cartografia do chinês (Tsai, 2008, 2015; Pan, 2015, 2019; Si 2017), bem como pela do japonês (Endo, 2007 ; Saito, 2013) e, mais recentemente, pela do coreano (ateliê da Sociedade linguística da Coreia, 2018), mas também pela das línguas dravídicas (Jayaseelan, 2008). Encontram-se também trabalhos cartográficos sobre as línguas nativas da América (Speas e Tenny, 2003; Nevins et Seki, 2017) e da Austrália, (Legate, 2002, 2008), bem como sobre as línguas austronésias (Pearce, 1999; Tsai *et al.*, 2015) e as línguas crioulas (Durrlemann, 2008). Foram mapeadas certas línguas de sinais (Aboh e Pfau, 2012). As pesquisas cartográficas contribuíram com os estudos de dialetologia românica e germânica (Poletto, 2000; Benincà, 1996; Cruschina, 2012; Manzini et Savoia, 2005; Di Domenico, 2012; Pescarini, 2018), bem como com os estudos de linguística histórica e os estudos sobre as línguas clássicas¹⁷ (Salvi, 2005; Danckaert, 2012; Benincà, 2006; Franco, 2010).

Os projetos cartográficos têm, então, uma vasta dimensão descritiva: queremos saber quais são os mapas empiricamente adequados para as diferentes línguas do mundo. E queremos colocar a questão fundamental da linguística comparada, a questão da invariância e da variação: quais propriedades permanecem constantes entre as línguas? Que tipos de variação encontramos e quais são os limites da variação possível? Aqui, os estudos cartográficos integram-se proveitosamente aos modelos paramétricos, promovendo pesquisas sobre os sistemas de parâmetros que afetam a variação das estruturas.

Outras questões teóricas cruciais são evocadas: pode-se deduzir as propriedades observadas empiricamente nas representações cartográficas a partir de certos princípios fundamentais que regem nossas capacidades linguísticas? Por exemplo, pode-se derivar certas ordens

¹⁷ Informações bibliográficas mais completas sobre estudos cartográficos estão disponíveis no *website* do projeto SynCart (*Syntactic Cartography*, “Cartografia Sintática”), criado na Universidade de Genebra por Giuliano Bocci, Karen Martini e Giuseppe Samo: <https://www.unige.ch/lettres/linguistique/syncart/home>.

hierárquicas observadas nas sequências funcionais dos princípios de localidade, ou dos princípios que regem a interface entre a forma e o sentido? Dessa maneira, as pesquisas cartográficas podem funcionar como potentes geradores de perguntas para a pesquisa teórica, estimulando, assim, a construção de modelos gerais e determinando um enriquecimento importante da base empírica dos estudos teóricos.

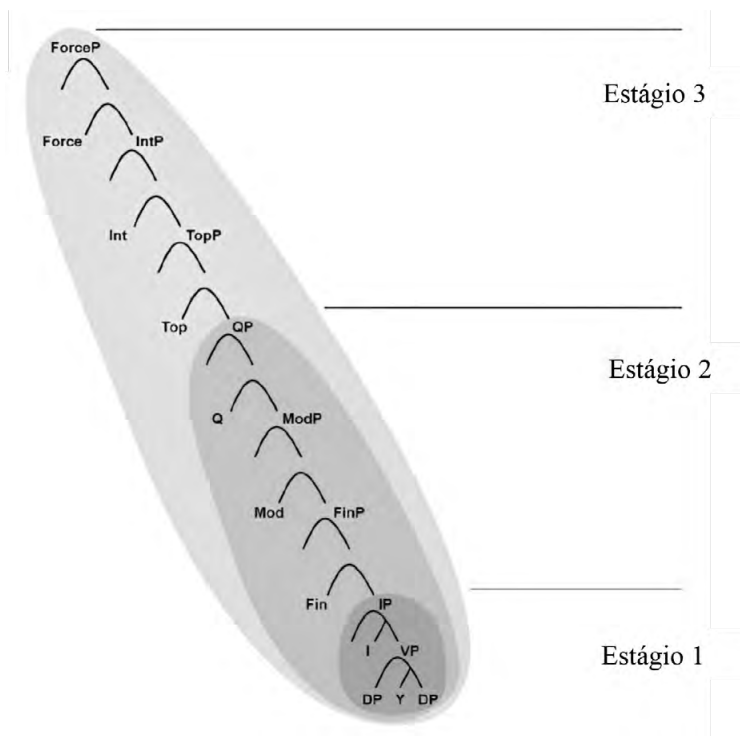
Cartografia e aquisição da linguagem

A pesquisa cartográfica pode, também, sair da dimensão da gramática adulta como sendo única e interagir com o estudo da aquisição da linguagem. Nesse caso, a questão que se coloca é a de saber como as estruturas complexas que identificamos se estabelecem no desenvolvimento das capacidades linguísticas na criança.

Uma vez que a missão do Collège de France é apresentar “a pesquisa sendo feita”, eu gostaria de concluir mencionando brevemente, nesse contexto, uma pesquisa em curso que eu conduzo em colaboração com Naama Friedmann, da Universidade de Tel Aviv, e Adriana Belletti, da Universidade de Siena. Esse trabalho coloca a questão do desenvolvimento da linguagem a partir da perspectiva dos estudos cartográficos: como as árvores complexas “crescem” na mente e no cérebro da criança que aprende a língua? A hipótese de trabalho é bastante simples: a aquisição de estruturas complexas se dá seguindo uma modalidade ascendente, *bottom up*. A criança adquire primeiro as zonas mais baixas dos mapas sintáticos e, em seguida, acrescenta as zonas progressivamente mais altas, seguindo sempre esse modelo ascendente no crescimento da árvore, que incrementa a estrutura sem jamais pular uma zona. Utilizando essa lógica para estudar a aquisição da periferia da frase em hebraico, foi possível identificar três estágios, correspondentes a cada uma das três zonas hierarquicamente ordenadas da estrutura arbóreas representada em (24).

No primeiro estágio, a criança não manifesta nenhuma forma de uso das estruturas periféricas: encontram-se, nas produções infantis desse estágio, apenas realizações do núcleo fundamental da frase. O segundo estágio mostra a utilização da parte baixa da periferia da frase, com a manifestação de perguntas parciais (*Onde você vai?*) e de anteposição de advérbio (*Agora eu leio*). O terceiro estágio apresenta também construções que envolvem a parte alta da periferia: as formas de subordinação finita (*você vê que a mamãe está indo embora*), as orações

(24)



relativas, as estruturas com topicalização (*esse livro, eu pego ele*), as perguntas com *por que*, que ocupa uma posição distinta e mais alta em relação aos outros elementos interrogativos *quem, que, onde, quando*, etc.

Chegamos, assim, a identificar estágios temporais bastante precisos, que correspondem ao domínio de zonas crescentes da árvore. Dessa forma, os resultados da pesquisa cartográfica podem oferecer um princípio organizador para o estudo do desenvolvimento da linguagem. Estamos apenas no início dessa empreitada: será necessário observar se a sequência temporal observada em hebraico é generalizável para outras línguas e se o mesmo princípio organizador ascendente revela-se aplicável e útil para analisar o desenvolvimento de outras partes da árvore sintática. Esse tipo de abordagem, desenvolvida no quadro de uma pesquisa fundamental, tem um potencial importante para a pesquisa aplicada. Pode, por exemplo, permitir a caracterização do desenvolvimento típico, que poderá ser utilizada como linha de base para o estudo das patologias do desenvolvimento, bem como para o estudo da perda de capacidades linguísticas em certas patologias dos adultos, como a afasia.

Conclusão

Há algo de mais normal para a nossa espécie do que combinar palavras para organizar e expressar pensamentos complexos, ou ver nossas crianças aprenderem a falar? O próprio da ciência é desvendar o problema que a experiência ordinária mascara: como isso é possível? Quais são os ingredientes, qual é o funcionamento dessas capacidades, desses aprendizados ocorrendo constantemente diante de nossos olhos? A linguística geral tenta não apenas formular essas perguntas com precisão, mas também construir elementos de resposta, sempre parciais e temporários, e ao mesmo tempo sempre mais refinados e sistemáticos.

Se a perspectiva que eu tentei ilustrar estiver em uma boa direção, na base de nossas impressionantes capacidades linguísticas existe um procedimento combinatório extremamente simples e geral que junta duas expressões linguísticas para formar uma terceira. No entanto, esse procedimento é recursivo, e, por meio de aplicações sucessivas, a partir de um léxico bem estruturado, ele permite construir, passo a passo, configurações bastante complexas, capazes de expressar “nossos pensamentos mais secretos”, segundo a expressão galileiana. Se observarmos com a lupa cartográfica essas estruturas complexas, veremos, no entanto, aparecer configurações elementares muito simples, em que os elementos se combinam segundo uma geometria arbórea constante. Em seu livro *Les Atomes [Os átomos]*, o físico francês Jean Perrin descreve a teoria atômica como o esforço de “explicar o visível complicado pelo invisível simples” (Perrin, 1913), uma caracterização frequentemente citada que tem um alcance bem mais geral. As pesquisas que ilustrei aqui tentam se conformar, no seu próprio domínio, a este ideal explicativo: a descrição precisa e detalhada de um universo complexo de configurações sintáticas é reduzida a mecanismos e a configurações elementares de uma simplicidade extrema. Contudo, a busca da explicação nessa abordagem se esforça sempre para respeitar as exigências da descrição, que é a base e a fonte essencial da dimensão explicativa. O desafio, árduo mas crucial, é de não perder nada da riqueza expressiva, a articulação fina e a variedade do domínio descrito na busca, igualmente fundamental, de um modelo explicativo.

Eu gostaria de agradecer a Adriana Belletti e Frédérique Berthelot por terem lido e comentado uma versão preliminar desta aula inaugural e, mais particularmente, Frédérique Berthelot, por sua ajuda editorial.

Referências

- ABOH Enoch, 2004, *The Morphosyntax of Complement-Head Sequences: Clause Structure and Word Order Patterns in Kwa*, New York, Oxford University Press.
- ABOH Enoch; PFAU Roland, 2012, "Spatial adpositions in sign language", *MIT Working Papers in Linguistics*.
- ARNAULD Antoine; LANCELOT Claude, 1660/2016, *Grammaire générale et raisonnée*, Paris, Éditions Allia.
- BAKER Mark, 2001, *The Atoms of Language*, New York, Oxford University Press.
- BASSONG Paul Roger, 2010, *The Structure of the Left Periphery in Basaa* [manuscrito], University of Yaounde I, Cameroun.
- BELLETTI Adriana, 2001, "Inversion as focalization", in A. HULKE; J.Y. POLLOCK (org.), *Subject Inversion in Romance and the Theory of Universal Grammar*, Oxford, Oxford University Press, col. "Oxford Studies in Comparative Syntax", p. 60-90.
- BELLETTI Adriana, 2004a, "Aspects of the low IP area", in Luigi RIZZI (org.), *The Structure of CP and IP*, New York, Oxford University Press, col. "The Cartography of Syntactic Structures", vol. 2, p. 16-51.
- BELLETTI Adriana (org.), 2004b, *The Cartography of Syntactic Structures*, New York, Oxford University Press, col. "Structures and Beyond", vol. 3.
- BELLETTI Adriana, 2009, *Structures and Strategies*, Londres/New York, Routledge.
- BENINCÀ Paola, 1996, "La struttura della frase esclamativa alla luce del dialetto padovano", in Paola BENINCÀ, Guglielmo CINQUE, Tullio DE MAURO; Nigel VINCENT (org.), *Italiano e dialetti nel tempo*, Rome, Bulzoni.
- BENINCÀ Paola; POLETTI Cecilia, 2004, "Topic, Focus and V2: Defining the CP Sublayers", in Luigi Rizzi (org.), *The Structure of CP and IP*, New York, Oxford University Press.
- BENINCÀ Paola, 2006, "A detailed map of the left periphery of medieval romance", in Raffaella ZANUTTINI, Héctor CAMPOS, Elena HERBURGER; Paul H. PORTNER (org.), *Crosslinguistic Research in Syntax and Semantics. Negation, Tense, and Clausal Architecture*, Washington (D.C.), Georgetown University Press.
- BENINCÀ Paola; MUNARO Nicola (org.), 2010, *Mapping the Left Periphery*, New York, Oxford University Press, coll. "The Cartography of Syntactic Structures", vol. 5, p. 3-15.
- BENVENISTE Émile, 1966, *Problèmes de linguistique générale*, Paris, Gallimard.
- BERTHELOT Frédérique, 2017, *Movement of and out of Subjects in French*, thèse doctorale, Université de Genève, <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:96575>.
- BERWICK Robert; CHOMSKY Noam, 2016, *Why Only Us: Language and Evolution*, Cambridge (Mass.), MIT Press.
- BIANCHI Valentina; FRASCARELLI Mara, 2010, "Is topic a root phenomenon?", *Iberia*, vol. 2, p. 43-48.
- BIANCHI Valentina, BOCCI Giuliano; CRUSCHINA Silvio, 2014, "Focus and its implicatures", in Enoch ABOH, Jeannette SCHAEFFER; Petra SLEEMAN (org.), *Romance Languages and Linguistic Theory: Selected Papers from Going Romance 2013*, Amsterdam, John Benjamins.

- BILOA Edmond, 2013, *The Syntax of Tuki: A Cartographic Approach*, Amsterdam, John Benjamins.
- BOCCI Giuliano, 2013, *The Syntax-Prosody Interface: A Cartographic Perspective with Evidence from Italian*, Amsterdam, John Benjamins.
- BOOLOS George, BURGESS John; JEFFREY Richard, 2002, *Computability and Logic: Fourth Edition*, Cambridge, University Press.
- BOTTERI Daniele, 2018, *Aspects of the Italian Interrogative System*, tese de doutorado, Université de Sienne.
- CARDINALETTI Anna, 2004, “Towards a cartography of subject positions”, in Luigi RIZZI (org.), *The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 2 (*The Structure of CP and IP*), New York, Oxford University Press, p. 115-165.
- CHANGEUX Jean-Pierre, 1983, *L'Homme neuronal*, Paris, Fayard.
- CHANGEUX Jean-Pierre, 2002, *L'Homme de vérité*, Paris, Odile Jacob.
- CHOMSKY Noam, 1957, *Syntactic Structures*, La Hague, Mouton.
- CHOMSKY Noam, 1955/1975, *The Logical Structure of Linguistic Theory*, New York, tese de doutorado, Université de Pennsylvanie, Philadelphie/New York, Plenum Publishing Corporation.
- CHOMSKY Noam, 1981, *Lectures on Government and Binding*, Dordrecht, Foris Publications.
- CHOMSKY Noam, 1995, *The Minimalist Program*, Cambridge (Mass.), MIT Press.
- CHOMSKY Noam, 2020, *The UCLA Lectures*, transcrição de Robert Freidin, disponível sur LingBuzz, <https://ling.auf.net/lingbuzz/005485>.
- CINQUE Guglielmo, 1999, *Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective*, Oxford, Oxford University Press.
- CINQUE Guglielmo (org.), 2002, *Functional Structure in DP and IP*, New York, Oxford University Press.
- CINQUE Guglielmo, 2005, “Deriving Greenberg’s universal 20 and its exceptions”, *Linguistic Inquiry*, vol. 36, no 3.
- CINQUE Guglielmo; KRAPOVA Iliyana, 2013, “DP and CP: a relativized minimality approach to one of their non parallelisms”, artigo apresentado na CIL13, Université de Genève.
- CRUSCHINA Silvio, 2012, *Discourse-Related Features and Functional Projections*, New York, Oxford University Press.
- DANCKAERT Lieven, 2012, *Latin Embedded Clauses: the Left Periphery*, Amsterdam, John Benjamins.
- DARWIN Charles, 1871, *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*, Londres, John Murray.
- DI DOMENICO Elisa, 2012, “La focalizzazione in perugino”, *Rivista italiana di linguistica e dialettologia*, vol. 14, p. 145-170.
- DURRLEMAN Stéphanie, 2008, *The Syntax of Jamaican Creole*, Amsterdam, John Benjamins.
- DEHAENE Stanislas, MEYNIEL Florent, WACONGNE Catherine, WANG Liping; PALLIER Christophe, 2015, “The neural representation of sequences: from transition probabilities to algebraic patterns and linguistic trees”, *Neuron*, vol. 88, no 1.
- DEHAENE Stanislas, 2018, *Apprendre !*, Paris, Odile Jacob.
- DESCARTES René, 1637/1951, *Le Discours de la méthode*, Paris, Union générale d’éditions, col. “10-18”.
- ENDO Yoshio, 2007, *Locality and Information Structure*, Amsterdam, John Benjamins.


- FRANCO Irene, 2009, *Verbs, Subjects and Stylistic Fronting. A Comparative Analysis of the Interaction of CP Properties with Verb Movement and Subject Positions in Icelandic and Old Italian*, tese de doutorado, Université de Sienna.
- FRASCARELLI Mara; PUGLIELLI Annarita, 2007, “Focus in the force-fin system. Information structure in cushitic languages”, in Enoch ABOH, Katharina HARTMANN; Malte ZIMMERMANN (org.), *Focus Strategies in African Languages*, Berlin, Mouton de Gruyter, p. 161-184.
- FRASCARELLI Mara; HINTERHÖLZL Roland, 2007, “Types of topics in German and Italian”, in Susanne WINKLER; Kerstin SCHWABE (org.), *On Information Structure, Meaning and Form*, Amsterdam, John Benjamins, p. 87-116.
- GALILEI Galileo, 1630/1970, *Dialogo Sopra i Due Massimi Sistemi del Mondo*, Turin, Einaudi.
- GIUSTI Giuliana, 2002, “The functional structure of noun phrases: a bare phrase structure approach”, in Guglielmo CINQUE (org.), *Functional Structure in DP and IP*, New York, Oxford University Press, p. 54-90.
- GIORGI Alessandra; HAROUTYUNIAN Sona, 2016, “Word order and information structure in modern Eastern Armenian”, *Journal of the Society For Armenian Studies*, vol. 25, p. 185-200.
- GREENBERG Joseph, 1963, “Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements”, in Joseph GREENBERG (org.), *Universals of Human Language*, Cambridge, MIT Press.
- GREWENDORF Gunther, 2002, “Left dislocation as movement”, in Sara MAUCK; Jennifer MITTELSTAEDT (org.), *Georgetown University Working Papers in Theoretical Linguistics*, vol. 2, p. 31-38.
- HAEGEMAN Liliane, 2012, *Adverbial Clauses, Main Clause Phenomena, and Composition of the Left Periphery*, New York, Oxford University Press, coll. “The Cartography of Syntactic Structures”, vol. 8.
- HAGÈGE Claude, 1974, “Les pronoms logophoriques”, *Bulletin de la Société linguistique de Paris*, no 69, p. 287-310.
- HAGER M'BOUA Clarisse, 2014/2020, *Structure de la phrase en Abidji*, tese de doutorado, Université de Genève, Mauritius, Éditions universitaires européennes.
- ILKHANIPOUR Negin, 2014, “On the CP analysis of Persian finite control constructions”, *Linguistic Inquiry*, vol. 45. no 2, p. 323-331.
- IRURTZUN Aritz, “Why-questions break the residual V2 restriction (in Basque and beyond)”, no prelo in Gabriela SOARE (org.), *Why Is ‘Why’ Unique? Its Syntactic and Semantic Properties*, Amsterdam, John Benjamins.
- JOKILEHTO Dara, 2014, “Finnish contrastive topics get passports to the left periphery: refining an RM approach”, artigo apresentado na CECIL'S 4, <https://cecils.webclass.co/programme/Book%20of%20abstracts.pdf#page=40>.
- JAYASEELAN Karattuparambil, 2008, “Topic, focus and adverb positions in clause structure”, *Nanzan Linguistics*, vol. 4, p. 43-68.
- KARIMI Simin; PIATTELLI-PALMARINI Massimo (org.), 2017, *Linguistic Analysis*, vol. 41, no 3-4.
- KAYNE Richard, 1983, *Connectedness and Binary Branching*, Dordrecht, Foris Publications.
- KAYNE Richard, 1984, *The Antisymmetry of Syntax*, Cambridge (Mass.), MIT Press.
- KOOPMAN Hilda; GUARDIANO Cristina, “Managing data in TerraLing, a large-scale cross-linguistic database of morphological, syntactic, and semantic patterns”, no prelo in Andrea BEREZ-KROEKER, Bradley MCDONNELL, Ève KOLLER; Lauren COLLISTER (org.), *The Open Handbook of Linguistic Management*, Cambridge (Mass.), MIT Press.

- KRAPOVA Iliyana; GUGLIELMO Cinque, 2008, “On the order of WH-phrases in Bulgarian multiple WH-fronting”, in Gerhild ZYBATOW, Luka SZUCSICH, Uwe JUNGHANN; Roland MEYER (org.), *Formal Description of Slavic Languages: The Fifth Conference, Leipzig 2003*, Francfort-sur-le-Main, Peter Lang, p. 318-336.
- LAENZLINGER Christopher, 1997, *Comparative Studies in Word Order Variations: Pronouns, Adverbs and German Clause Structure*, Amsterdam, John Benjamins.
- LEGATE Julie, 2002, *Warlpiri: Theoretical Implications*, tese de doutorado, MIT, <https://www.ling.upenn.edu/~jlegate/main.pdf>.
- LEGATE Julie, 2008, “Warlpiri and the theory of second position clitics”, *Natural Language and Linguistic Theory*, vol. 26, no 1.
- LÉVI-STRAUSS Claude, 1964, *Le Cru et le Cuit*, Paris, Plon.
- MANZINI Maria Rita, “Syntactic conditions on phonological rules”, *MIT Working Papers in Linguistics*, vol. 5, p. 1-9, 1983.
- MANZINI Maria Rita; SAVOIA Leonardo, 2005, *I dialetti italiani e romanci*, Alessandria, Edizioni dell’Orso.
- MEHLER Jacques; DUPOUX Emmanuel, 1990, *Naitre humain*, Paris, Odile Jacob.
- MEILLET Antoine, 1906, “L’état actuel des études de linguistique générale”, *Leçon d’ouverture du cours de grammaire comparée au Collège de France*, 13 février 1906.
- MIOTO Carlos, 1999, *A periferia esquerda no português brasileiro* [manuscrito], Universidade Federal de Santa Catarina, Université de Sienne.
- MORO Andrea, 2000, *Dynamic Antisymmetry*, Cambridge (Mass.), MIT Press.
- MORO Andrea, 2008, *The Boundaries of Babel*, Cambridge (Mass.), MIT Press.
- PEANO Giuseppe, 1902, *Aritmetica Generale e Algebra Elementare*, Turin, Paravia.
- NELSON Matthew, EL KAROUI Imen, GIBER Kristof, YANG Xiaofang, COHEN Laurent, KOOPMAN Hilda, CASH Sydney, NACCACHE Lionel, HALE John, PALLIER Christophe; DEHAENE Stanislas, 2017 “Neurophysiological dynamics of phrase-structure building during sentence processing”, *Proceedings of the National Academy of Sciences of the USA*, vol. 114, no 18.
- PALLIER Christophe, DEVAUCHELLE Anne-Dominique; DEHAENE Stanislas, 2011, “Cortical representation of the constituent structure of sentences”, *Proceedings of the National Academy of Sciences of the USA*, vol. 108, no 6, p. 2522-2527.
- PAN Victor, 2015, “Mandarin peripheral construals at syntax-discourse interface”, *The Linguistic Review*, vol. 32, no 4, p. 819-868.
- PAN Victor, 2019, *Architecture of the Periphery in Chinese: Cartography and Minimalism*, Londres/New York, Routledge, coll. “Routledge Studies on Chinese Linguistics”.
- PAUL Waltraud, 2005, “Low IP area and left periphery in Mandarin Chinese”, *Recherches linguistiques de Vincennes*, p. 111-134.
- PAUL Waltraud, 2014, *New Perspectives on Chinese Syntax*, Berlin/Boston, De Gruyter Mouton.
- PEARCE Elizabeth, 1999, “Topic and focus in a head-initial language: Maori”, *Toronto Working Papers in Linguistics*, vol. 16.
- PESCARINI Diego, 2018, “Subject and impersonal clitics in Northern Italian dialects”, in Roberto PETROSINO, Pietro CERRONE; Harry VAN DER HULS (org.), *From Sounds to Structures*, Berlin, De Gruyter Mouton, p. 409-431.
- PESCARINI Diego, 2020, *La Microvariation syntaxique dans les langues romanes. Un modèle paramétrique*, dossier de HDR, Université de Côte d’Azur.
- PERRIN Jean, 1913/1991, *Les Atomes*, Paris, Félix Alcan, 1913; reedição Paris, Gallimard, 1991.
- POLETTI Cecilia, 2000, *The Higher Functional Field: Evidence from Northern Italian Dialects*, New York, Oxford University Press.

- POLLOCK Jean-Yves, 1989, “Verb movement, universal grammar and the structure of IP”, *Linguistic Inquiry*, vol. 20, no 3, p. 365-424.
- POST Emil, 1936, “Finite combinatory processes. Formulation 1”, *Journal of Symbolic Logic*, no 1, p. 103-105.
- PUSKAS Genoveva, 2000, *Word Order in Hungarian: The Syntax of A'-positions*, Amsterdam/Philadelphie, John Benjamins.
- REINHART Tanya, 1976, *The Syntactic Domain of Anaphora*, tese de doutorado, MIT, <https://dspace.mit.edu/bitstream/handle/1721.1/16400/03491311-MIT.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
- RIZZI Luigi, 1982/1993, *Issues in Italian Syntax*, Dordrecht, Foris Publications, 1982 / La Hague, Mouton de Gruyter, 1993.
- RIZZI Luigi, 1990, *Relativized Minimality*, Cambridge (Mass.), MIT Press.
- RIZZI Luigi; SAVOIA Leonardo, 1993, “Conditions on /u/ propagation in Southern Italian dialects: a locality parameter for phonosyntactic processes”, in Adriana BELLETTI (org.), *Syntactic Theory and the Dialects of Italy*, Turin, Rosenberg; Sellier.
- RIZZI Luigi, 1997, “The fine structure of the left periphery”, in Liliane HAEGEMAN (org.), *Elements of Grammar: A Handbook of Generative Syntax*, Dordrecht, Kluwer, p. 281-337.
- RIZZI Luigi, 2000, *Comparative Syntax and Language Acquisition*, Londres, Routledge.
- RIZZI Luigi, 2001, “On the position “int(errogative)” in the left periphery of the clause”, in Guglielmo CINQUE; Giampaolo SALVI (org.), *Current Studies in Italian Syntax: Essays Offered to Lorenzo Renzi*, Amsterdam, Elsevier, p. 267-296.
- RIZZI Luigi, 2004a, “On the cartography of syntactic structures”, in Luigi RIZZI (org.), *The Structure of CP and IP*, Oxford/New York, Oxford University Press.
- RIZZI Luigi, 2004b, “Locality and left periphery”, in Adriana BELLETTI (org.), *The Cartography of Syntactic Structures*, New York, Oxford University Press, coll. “Structures and beyond”, vol. 3, p. 223-251.
- RIZZI Luigi, 2013, “Notes on cartography and further explanation”, *Probus*, vol. 25, no 1.
- RIZZI Luigi, 2015, “Cartography, criteria, and labeling”, in Ur Shlonsky (org.), *Beyond the Functional Sequence*, New York, Oxford University Press, p. 314-338.
- RIZZI Luigi; BOCCI Giuliano, 2015, “The left periphery of the clause—primarily illustrated for Italian”, in : *The Blackwell Companion to Syntax*, 2e édition.
- RIZZI Luigi, 2016, “Labeling, maximality, and the head—phrase distinction”, *The Linguistic Review*, vol. 33, p. 103-127.
- RIZZI Luigi; CINQUE Guglielmo, 2016, “Functional categories and syntactic theory”, *Annual Review of Linguistics*, vol. 2.
- RIZZI Luigi, 2018, “Intervention effects in grammar and language acquisition”, *Probus*, vol. 30, no 2, p. 339-367.
- ROBERTS Ian, 2004, “The C-system in Brythonic Celtic languages, V2, and the EPP”, in Luigi RIZZI (org.), *The Structure of CP and IP*, coll. “The Cartography of Syntactic Structures”, vol. 2, p. 297-328.
- ROBERTS Ian, 2019, *Parameter Hierarchies and Universal Grammar*, New York, Oxford University Press.
- ROUSSEAU Jean-Jacques, 1781/2009, *Essai sur l'origine des langues*, Paris, L'Harmattan.
- ROUSSOU Anna, 2000, “On the left periphery: from modal particles to complementisers”, *Journal of Greek Linguistics*, vol. 1, p. 65-94.
- RUWET Nicolas, 1967, *Introduction à la grammaire générative*, Paris, Plon.
- SAITO Mamoru, 2013, “Sentence types and the Japanese right periphery”, in Gunther GREWENDORF; Thomas ZIMMERMAN (org.), *Discourse and Grammar*, Boston/Berlin, De Gruyter Mouton, col. “Studies in Generative Grammar”.

- SALVI Giampaolo, 2005, “Some firm points on Latin word order: the left periphery”, *Universal Grammar in the Reconstruction of Ancient Languages*, vol. 83.
- SAMO Giuseppe, 2019, *A Criterial Approach to the Cartography of V2*, Philadelphie/Amsterdam, John Benjamins.
- SAUSSURE Ferdinand de, 1916/1995, *Cours de linguistique générale*, Paris, Payot.
- SCHLENKER Philippe, CHEMLA Emmanuel, SCHEL Anne M., FULLER James, GAUTIER Jean-Pierre, KUHN Jeremy, VESELINOVIĆ Dunja, ARNOLD Kate, CĂSAR Cristiane, KEENAN Sumir, LEMASSON Alban, OUATTARA Karim, RYDER Robin; ZUBERBÜHLER Klaus, 2016, “Formal monkey linguistics”, *Theoretical Linguistics*, vol. 42, nos 1-2.
- SEKI Lucy; NEVINS Andrew, 2017, *Strategies of Embedding and the Complementizer Layer in Kamayurá*, no prelo.
- SHLONSKY Ur, 1994, *Semitic Clitics*, <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:8366>.
- SHLONSKY Ur, 2014, “Topicalization and focalization: a preliminary exploration of the Hebrew left periphery”, in Anna CARDINALETTI, Guglielmo CINQUE; Yoshido ENDO (org.), *Peripheries*, Tokyo, H. Syobo, p. 327-341.
- SI Fuzhen (org.), 2017, *Studies on Syntactic Cartography*, Beijing, China Social Sciences Press.
- SPEAS Peggy; TENNY Carol, 2003, “Configurational properties of point of view roles”, in Anna Maria DI SCIULLO (org.), *Asymmetry in Grammar*, John Benjamins, p. 315-345.
- TETTAMANTI Marco, ALKADHI Hatem, MORO Andrea, PERANI Daniela, KOLLIAS Spyros; WENIGER Dorothea, 2002, “Neural correlates for the acquisition of natural language syntax”, *NeuroImage*, vol. 17, p. 700-709.
- TORRENCE Harold, 2013, *The Clause Structure of Wolof: Insights into the Left Periphery*, Philadelphie/Amsterdam, John Benjamins.
- TSAI Wei-Tien Dylan, 2008, “Left periphery and how-why alternations”, *Journal of East Asian Linguistics*, vol. 17, p. 83-115.
- TSAI Wei-Tien Dylan (org.), 2015, *The Cartography of Chinese Syntax*, col. “The Cartography of Syntactic Structures”, vol. 11, New York, Oxford University Press.
- TURING Alan, 1936, “On computable numbers, with an application to the Entscheidungsproblem”, *Proceedings of the Mathematical Society*, vol. 42, n. 2, p. 230-265.
- TURING Alan, 1950, “Computing machinery and intelligence”, *Mind*, n. 59, p. 433-460.

Esta obra foi composta em PT Serif 11x14 e Calibri 9/12
para a **Editora da Abralín** em setembro de 2025.



O livro é uma aula sobre linguística geral e o estudo das línguas, proferida por um dos linguistas mais ativos e proeminentes da atualidade, o prof. Luigi Rizzi. Nessa aula, o professor Rizzi discute aspectos centrais e característicos das línguas do mundo, enquanto apresenta a sua própria abordagem inovadora no estudo da variação linguística. Ao conduzir o leitor nessa discussão, Rizzi apresenta um panorama histórico abrangente sobre o estudo da linguagem, desde o pensamento grego até os dias atuais. Mantendo o caráter oral de uma aula, Rizzi nos traz um texto fluido e ilustrado com muitos exemplos, o que faz com que o leitor compreenda conceitos teóricos importantes para a análise linguística.

